





A Liahona

SETEMBRO 1980 PBMA053APO
S. PAULO — BRASIL

A PRIMEIRA PRESIDENCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson

Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

COMITÊ DE SUPERVISÃO

M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier

George P. Lee
EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

M. Russell Ballard
Editor;

Larry Hiller,
Editor Gerente;

Carol Larsen,
Editor Associado;

Connie Wilcox
Seção Infantil

Roger Gylling,
Desenhista

EXECUTIVO DE «A LIAHONA»

Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;

Paulo Dias Machado,
Editor;

Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;

Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 1 Os Desconhecidos Anos Vindouros
- 2 Mensagem da Primeira Presidência:
Os Grandes Mandamentos, Presidente N. Eldon Tanner.
- 7 Meu Maior Desafio, compilado por Charles W. Barret.
- 12 Perguntas e Respostas, H. Dean Garrett.

DIÁRIO MÓRMON

- 15 Ecos Chineses da Verdade, P'an K'uan I.
- 17 Suas Mãos em Minha Cabeça, Anna-Greta Malm.
- 19 Guiado Através das Águas Revoltas, Kilikupa Kivalu.
- 21 Arrepender-me aos 55 Anos? Michael V. Lee.
- 25 Dois Sozinhos/Três Unidos, Aksel Tanner.
- 33 "Estes não são Homens que Possam ser Conquistados", Elder Vaughn J. Featherstone.

SEÇÃO INFANTIL

- 1 A Boneca de Papel ao Redor do Mundo, Lynn Titleman.
- 2 De um Amigo Para Outro, Elder Robert L. Backman.
- 4 A Família de Miguel, Betty Lou Mell.
- 8 Só Para Divertir.

NOTÍCIAS LOCAIS

- I Dedicado o Edifício dos Escritórios Administrativos da Igreja
- IV A Presidência do Templo de São Paulo tem Novo Conselheiro
- V Missionários Argentinos no Templo de São Paulo
- VI Irmãs da Igreja Mostram ao Povo Como Utilizar a Soja na Alimentação
- VIII Meu Testemunho
- IX Congresso Anual de Professores do Sistema Educacional da Cidade de São Paulo
- X 1.º Passeio Ciclístico
- XI Cultivo de Hortaliças em Apartamento
- XIII Templo de São Paulo — Calendário de Iniciatórias Vicárias — 2.º Semestre/80
- XIV Entre Nós

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 50,00; para o exterior simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 5,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes R. Peribeubú, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Red. e Adm., Av. Prof. F. Morato, 2430-A, CEP 05512, tel: PABX 814-2277.

Os Desconhecidos Anos Vindouros

Já se passaram cento e cinquenta anos de história da Igreja. Fazendo um retrospecto, ficamos assombrados com os sacrifícios que foram feitos, e com o grande exemplo de vitalidade daqueles que ajudaram a construir o reino até este ponto.

Em recentes discursos que os líderes da Igreja proferiram nas conferências gerais, teceram comentários a respeito do caminho que temos diante de nós. Ele será entremeadado de obstáculos. Nele encontraremos testes e tribulações, bem como gloriosas conquistas. Que pessoas serão chamadas a fazer tais sacrifícios e alcançar tão elevados objetivos? Não há dúvida de que seremos nós.

Aqueles que conhecem a história da Igreja ficam maravilhados com a grande energia e determinação que os primeiros santos demonstraram. Todavia, há ocasiões em que somos tentados a pensar: "Ainda bem que foram eles que passaram por isso, e não nós, pois não sei se nos sairíamos tão bem quanto eles, hoje em dia." No entanto, os membros daquela época eram pessoas iguais a mim e a vocês — sujeitos às mesmas tentações, fraquezas e emoções humanas. Era o forte testemunho da verdade que eles possuíam, que os tornava diferentes das demais pessoas de sua época. Eles haviam recebido o testemunho do Espírito Santo ao cumprirem seus chamados e colocarem em prática os conselhos de seus líderes ungidos, e o Espírito Santo elevou-os à altura das tarefas que tinham a desempenhar. Quando sobrevieram as perseguições e amarguras, com elas veio o Confortador. Eles não estavam sós. O Senhor havia preparado o caminho que tinham a seguir.

O mesmo acontecerá conosco nos anos vindouros. Ao atendermos o chamado de construir o reino, o Senhor estará diante de nós. Devemos, entretanto, ter um testemunho semelhante ao dos antigos membros da Igreja, se quisermos ser fortes e permanecer firmes. É por esta razão que **todo membro** deve estar convertido. Não é suficiente ser nascido e criado na Igreja. Cada membro deve ter um testemunho pessoal. Não é suficiente, também, receber tal testemunho apenas uma vez: ele deve ser alimentado através da oração contínua, estudo do evangelho e de um viver digno. Só então alcançaremos um êxito tão grande quanto o dos santos que nos precederam.

Geralmente consideramos as Autoridades Gerais e outros líderes da Igreja como os maiores exemplos de fé e dedicação que conhecemos. Todavia, embora seus chamados sejam importantes, eles são relativamente poucos em número. Também podemos encontrar semelhante vitalidade e fé nos demais membros. Muitos dos mais dedicados membros da Igreja não são conhecidos fora de sua própria ala e ramo.

Nesta edição, apresentamos especialmente o testemunho e experiências de alguns dos santos dos últimos dias "comuns" de todas as partes do mundo. Eles, como milhares de outras pessoas, construirão sobre o firme alicerce que já foi estabelecido, até que o reino esteja preparado para receber seu rei. Que todos possamos desenvolver e preservar o testemunho que nos fortalecerá, magnificar nossos esforços, e confortar-nos em épocas de grande provação.

Larry Hiller, Editor Gerente.

GM
M205.5
L694P0
v.33
1980

Os Grandes Mandamentos

Presidente N. Eldon Tanner

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Numa época em que os homens estão atribulados, e em que predomina a discórdia, num mundo assolado de problemas, aparentemente insolúveis, todos nós devemos parar e refletir sobre a causa de nossa intranqüilidade, e considerar os remédios que nos trarão de volta à razão e sanidade.

Se ao menos nos déssemos ao trabalho de ouvir as palavras do Autor da paz e amor fraternal, poderíamos corrigir todo erro, silenciar as armas de guerra, alimentar os famintos, vestir os nus, converter nossas espadas em enxadões, e viver num estado de felicidade que nos possibilitaria preparar-nos mais rápida e adequadamente para o dia do julgamento, que seguramente teremos de enfrentar.

Ao responder ao doutor da lei que lhe havia perguntado, para tentá-lo: "Qual é o grande mandamento na lei?", Jesus declarou:

"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

"Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas." (Mateus 22:36-40.)

Por que demoramos tanto a aceitar o que nos ordena a palavra de Deus? Por que não podemos entender que todos os problemas sociais só poderão ser adequadamente solvidos, se aceitarmos a Deus como o Criador do universo, e vivermos de acordo com as leis pelas quais ele governa os assuntos dos homens?

Certa vez assisti a uma antestréia do filme "*Os Dez Mandamentos*", e gravei em meu íntimo esta mensagem impressionante — somos livres para servir a Deus e cumprir seus mandamentos, ou sermos governados por um ditador. Só podemos ser livres enquanto formos capazes de escolher ser obedientes às normas que garantirão nossa liberdade. A violação da lei pode trazer-nos o cativeiro e a morte, ou na melhor das hipóteses, a restrição de nossa liberdade.

Se amarmos a Deus e aos nossos semelhantes — isto é, nosso próximo — tratá-los-emos como gostaríamos de ser tratados. O ato de demonstrar um amor verdadeiro envolve muitas coisas. Considerem as palavras que o Senhor disse a Moisés:

“Não andarás como mexeriqueiro entre os teus povos. . .

“Não aborrecerás a teu irmão no teu coração. . .

“Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Levítico 19:16-18.)

Em Deuteronômio, lemos as seguintes diretrizes que Moisés deu a seu povo:

“Amarás pois o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder.

“E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração. E as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te.” (Deuteronômio 6:5-7.)

Jesus Cristo declarou: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (João 13:35.)

Ao admoestar o povo, o apóstolo João fez esta grave acusação:

“Se alguém diz: Eu amo a Deus, e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?

“E dele temos este mandamento: que quem ama a Deus, ame também a seu irmão.” (1 João 4:20-21.)

Os sentimentos que nutrimos uns pelos outros devem ser motivados pelo mais puro amor fraternal. A religião deve fortalecer e não enfraquecê-los. É de suma importância que respeitemos e honremos as crenças religiosas e sentimentos de nossos semelhantes.

Tenho a firme convicção de que Cristo realmente foi o Filho Unigênito de Deus na carne. Porém, o fato de que outras pessoas não têm esta mesma crença não deve ser motivo para serem maltratadas, odiadas e se lhes faltar com a fraternidade. O simples fato de que eu creio como mórmon, outro como católico, ou protestante, e outro ainda como judeu, não deve ser motivo para que nos critiquemos reciprocamente, ou que guardemos rancor delas. Devemos respeitar os pontos de vista alheios, e conscientizar-nos de que a crença em Deus aperfeiçoa a todas as pessoas, transformando-as em melhores indivíduos e cidadãos, desde que sigam os ensinamentos de Deus, principalmente o mandamento que diz: “Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.” (João 15:12.)

É a esta espécie de amor a que o Mestre se referia. Este atributo, que ele considerava a coisa mais importante desta existência, deve começar no lar e ser aplicado em nossa vida diária. A tolerância e o respeito pelas crenças dos outros devem ser ensinados no lar. As crian-

ças devem aprender a amar, viver e brincar com pessoas de outras religiões, embora permaneçam firmes e fiéis a suas próprias convicções e ensinamentos.

Sempre achei interessante e inspirador notar que, quando os missionários vão pregar o evangelho do amor e da paz em outros países, eles logo aprendem uma língua diferente, adotam costumes estrangeiros e voltam para casa com um profundo amor pelo povo e país a que serviram. Devemos aprender a fazer isto onde quer que vivamos ou sirvamos.

O que achamos mais difícil, talvez, é darmos um pouco de nós mesmos, sermos altruístas. Se realmente amarmos alguém, não será tão difícil fazer algo em benefício daquele indivíduo. Não existe uma felicidade verdadeira em se obter as coisas, a menos que o façamos com o objetivo de servir aos outros. A metade do mundo parece estar seguindo o caminho errado ao buscar a felicidade — muitas pessoas pensam que esse processo consiste em ter as coisas, obtê-las, e serem servidas, quando a felicidade realmente se encontra em servir aos nossos semelhantes.

Há ocasiões em que quase me convenço de que é próprio da natureza humana a pessoa aumentar as fraquezas dos outros para diminuir as próprias. Lembremo-nos de que os homens de caráter não menosprezam os outros, nem aumentam as fraquezas alheias. Em realidade, o que os torna grandes é justamente o fato de de-

monstrarem amor aos outros e se interessarem sinceramente pelo sucesso e bem-estar de seus semelhantes. O verdadeiro amor não admite que nutramos ressentimentos ou rancores, que falemos mal do próximo ou que destruamos sua boa reputação. Não devemos criticar uns aos outros, e sim nos esforçarmos para nos edificar e fortalecer mutuamente.

Um amigo meu relatou a seguinte experiência. Seu pai e o primo dele viviam na mesma comunidade e eram competidores no mesmo ramo de construção civil. Entre eles cresceu uma grande rivalidade devido a algum contrato, a qual cresceu com o passar do tempo e eventualmente foi herdada por seus familiares imediatos, e continuou a existir, mesmo depois que o amigo de meu pai havia falecido. Para eles era difícil ter qualquer gesto recíproco de civilidade, até mesmo em seus chamados na igreja, onde meu amigo era bispo de uma ala e seu primo de outra. E a situação piorou ainda mais.

Subitamente meu amigo recebeu o chamado para servir como presidente de uma missão. Ele e sua família ficaram entusiasmados com aquela perspectiva, mas ele sentiu que algo estava errado e perguntou a si mesmo se era realmente digno de aceitar tão importante designação. Ele tinha certeza de que estava vivendo a Palavra de Sabedoria, era um dizimista integral, assistia fielmente às atividades da Igreja, era moralmente limpo, e assim por diante. Mas não conseguia afastar aquela estranha sensação.

Durante os preparativos que estava fazendo, certa tarde ele estava voltando de seu escritório, quando algo lhe disse: "Você deve procurar o primo de seu pai e corrigir a situação que existe entre ele e você, pois não pode pregar o evangelho de amor enquanto existir essa espécie de sentimento em seu coração."

E assim ele foi à casa de seu primo, tocou a campainha e esperou, sentindo um pouco de medo. Mas não houve resposta. Ele foi embora, sentindo que pelo menos havia tentado, e que tal atitude punha fim àquela pendência. Porém, aquele sentimento não se apartou de seu íntimo.

No dia seguinte, durante um funeral, seu primo chegou e sentou-se em frente dele. Meu amigo perguntou-lhe se poderia falar com ele após a cerimônia. O relato que segue é exatamente o que ele me contou.

"Quando toquei a campainha, ele convidou-me a entrar e cumprimentou-me pelo chamado que eu recebera. Conversamos durante alguns minutos sobre coisas insignificantes, então aquilo aconteceu. Olhei para ele com um profundo sentimento de amor que substituiu a antiga amargura, e disse: 'Vim aqui para lhe pedir perdão por tudo o que tenha feito ou dito que tenha levado nossas famílias a se separarem.'"

"Neste ponto, nossos olhos se encheram de lágrimas, e durante alguns minutos nenhum de nós conseguiu proferir uma só palavra. Aquela foi uma ocasião em que o silêncio foi

mais poderoso que as palavras. Depois de algum tempo, ele disse: 'Gostaria de haver sido o primeiro a ter procurado resolver esta questão.' Então respondi: 'Não importa quem teve a iniciativa, mas sim que não mais existe esta animosidade entre nós!'

"Nesse momento, tivemos uma tocante experiência espiritual que purificou nossa vida e nossas almas das coisas que nos separavam. Aquele acontecimento fez com que voltássemos a ter um relacionamento familiar adequado. Agora eu podia sair em missão e ensinar o que significava o verdadeiro amor, pois pela primeira vez em minha vida, eu o havia sentido em sua mais profunda dimensão. Agora eu poderia dizer sinceramente que não havia uma só pessoa neste mundo que eu não amasse ou por quem não sentisse qualquer grau de afeição. A partir daquele dia, minha vida se modificou, pois naquela ocasião, aprendi da maneira mais positiva, como nunca havia imaginado, esta grande advertência que o Mestre fez a seus discípulos: 'Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros.' (João 13:34.)"

Ao examinarmos nosso passado, seja ele curto ou longo, vemos que o que nos proporciona maior alegria é fazer algo em benefício de alguma pessoa, porque a amamos. Expressemos o amor que sentimos por Deus e nosso próximo na época em que vivemos, enquanto temos esse privilégio, através de todas as nossas palavras e obras, pois jamais passaremos por esta vida novamente.

Meu Maior Desafio

Compilado por Charles W. Barrett

Alguns membros compartilham pensamentos sobre como a Igreja os ajuda a perseverar.

Conflitos. A maioria das pessoas julga que os conflitos que surgem em sua vida são inevitáveis. Para os membros da Igreja, eles podem representar uma luta entre a fé e a razão, entre a expectativa e a realidade ou entre os diversos interesses e assuntos que devem considerar.

Como o evangelho de Jesus Cristo nos ajuda a resolver estes problemas? Eis aqui algumas respostas dadas pelos membros da Igreja:

Darrel Rose, audiobiólogo da Clínica Mayo, de Rochester, Minnesota, Estados Unidos. Os maiores conflitos que encontro acontecem entre o que sei que devo ser e o que sou. Permitam-me citar dois exemplos:

Primeiro, “cada membro um missionário”. Às vezes acho que tenho deixado de fazer o que se espera de mim nesta área, e não me sinto bem toda vez que o assunto é debatido.

Isto não quer dizer que eu não fiz nada — muito pelo contrário. Tenho procurado esforçar-me. Convidamos inúmeras pessoas a visitarem

nosso lar, apresentamos-lhes filmes da Igreja, alimentamo-las, entretivemos e mantivemos profundos debates a respeito da Igreja com as pessoas com quem nos importamos. Mas não tenho feito o suficiente para ter o consolo de dizer a mim mesmo: “Você fez o que era possível, agora descanse e não se sinta culpado toda vez que se fala sobre a obra missionária.”

Há ocasiões em que acho difícil saber o que devo fazer. Essa tarefa parece simples, quando leio a respeito dela, mas quando tento realizá-la, as coisas saem completamente erradas. Ao entregar uma travessa de biscoitos, piso no gato favorito da família. Meu filho atira uma bola na janela do vizinho. Deixo de devolver prontamente a marreta e a cunha que pedi emprestada. Quando convenço as pessoas a virem à Igreja para me ouvirem proferir um discurso, elas sentam-se ao lado da família mais barulhenta da ala. Depois da reunião, elas me dizem que os mórmons são pessoas amáveis, porém não conseguiram ouvir-me direito. Afirmam também que têm melhor reverência em sua igreja.

Seria fácil parar de tentar. Felizmente eu tenho um testemunho e sei que é resolvendo esses conflitos internos, que alcançamos maior desenvolvimento espiritual. Tenho a firme convicção também de que, para obtermos crescimento espiritual, é necessário *fazer aquilo que devemos*. Minha preocupação diminui um pouco, quando me lembro de que estou tentando e que a luta é uma coisa natural da vida. Essas verdades me ensinam que o processo de fazer o que devo e obter crescimento espiritual pode durar eternamente.

Alex B. Morrison, assistente do Ministro da Saúde e Bem-Estar Social em Ottawa, Canadá. Meus maiores conflitos são oriundos das pressões exercidas sobre meu horário de trabalho. Minhas responsabilidades profissionais são tão inadiáveis, que tenho de tomar o cuidado de deixar algum tempo para cuidar de minha família. Além disso, preciso ainda reservar tempo suficiente para tratar de minhas responsabilidades da Igreja.

Às vezes temo que meus esforços não sejam bem sucedidos. Mas, se eu não tivesse a influência do evangelho e o equilíbrio que ele me proporciona, estou certo de que falharia muito mais. Tenho um trabalho tão maravilhoso, absorvente e estimulante, que seria capaz de fazê-lo durante vinte e quatro horas por dia.

De que maneira o evangelho torna as coisas diferentes? Principalmente colocando-as na perspectiva exata. Jamais conseguirei esquecer-me do impacto que causou em mim a frase do Presidente David O. McKay, de que "nenhum sucesso pode compensar o fracasso no lar".

Tenho complementado esta frase mentalmente com o conselho que o Presidente Kimball deu, de que devemos ser cuidadosos pais e portadores do sacerdócio, e estabelecer adequadamente nossas prioridades e manter-nos em constante sintonia com Deus.

Assim sendo, procuro passar meia hora a cada manhã lendo as escrituras, meditando e orando. Depois, durante o dia, sinto-me mais apto a decidir quais devem ser minhas prioridades.

As orações familiares também têm sido valiosas para manter-me perto de minha família e em sintonia com o que sentem. Elas me ajudam muito, e são especialmente produtivas nas semanas em que preciso ausentar-me de casa durante muito tempo. Fazem-me recordar de como minha família é importante para mim, apesar de tantas pressões que sou forçado a enfrentar.

A noite familiar produz o mesmo efeito. Ela me permite focalizar ininterruptamente minha atenção na família. Estar junto dela é uma experiência realmente confortadora. O amor que nela existe é tão profundo, que eu desejo recebê-lo cada vez mais. Este sentimento faz com que eu continue a pensar nela durante toda a semana. Sou muito grato por existirem esses tipos de atividades em minha vida. Sem elas, temo que o foco de minha atenção se voltaria para outro sentido.

Pam Parsons, diretora de atletismo e basquete da Universidade de South Carolina, em Columbia, South Carolina, Estados Unidos. Quando eu era jovem, gostava muito de com-

petições. Naquela época, desejava ter nascido um menino e, embora hoje em dia eu esteja muito feliz por ser mulher, isso não aconteceu da noite para o dia.

Há alguns anos, tive muitos problemas com assuntos referentes à mulher, pois era instrutora de educação física e estava alcançando sucesso nas coisas mais importantes de minha vida. Infelizmente, tal comportamento me afastava cada vez mais de alguns princípios do evangelho. Então, certa manhã, ao acordar, conscientizei-me de que não era realmente feliz. Subitamente compreendi que os princípios do evangelho são tão perfeitos, que poderiam fazer-me feliz em *todas* as áreas de minha vida. Considerando este fato, alterei minhas prioridades e hábitos diários, e estabeleci um alicerce baseado no evangelho, para que meu sucesso fosse realmente proveitoso.

Hoje em dia, acho mais fácil entender as diferenças que existem entre os homens e as mulheres, e creio que estou mais apta a contribuir para o programa de atletismo e solução dos problemas da mulher, pois deixei de ser adepta do movimento de libertação feminina, para ser uma pessoa que é ainda mais a favor do desenvolvimento da mulher, mas somente dentro da sabedoria que existe no plano do Senhor.

Outro conflito surgiu com o decorrer da idade, pois compreendi o conceito eterno do casamento, e não era casada. Foi um choque para mim, quando terminei o curso universitário e ainda não me havia casado. Durante muito tempo, senti-me rejeitada. Mortificava-me e sentia-me aflita com aquela situação, o que não me

fazia bem algum. Naquele tempo, eu não tinha a menor auto-estima, nem conhecia bem a mim mesma.

Decidi, então, esforçar-me para ser uma pessoa melhor, e aprendi, através de minhas orações, que a única pessoa a quem eu podia realmente controlar, era a mim mesma. Resolvi fazer de mim a melhor criatura possível. Se isto atraísse alguém, seria bom; se o não fizesse, eu ainda estava determinada a ter a melhor opinião a respeito de mim mesma e fazer algumas contribuições significativas para a sociedade. Comecei a formar hábitos que tornariam isso possível. Perdi bastante peso e progredi em muitos aspectos de minha vida.

Eu costumava pôr a culpa de minha infelicidade nas coisas exteriores, porém o evangelho me ajudou a colocar essa responsabilidade sobre meus próprios ombros. Estou mais feliz agora que decidi trabalhar seriamente e fazer o máximo possível em benefício dos outros e de mim mesma. Desde aquela ocasião, surgiram oportunidades inesperadas para mim. Agora eu sei que as portas da vida se abrem, tão logo coloquemos nossa casa em ordem.

Charles Defranchi, estudante universitário e ex-missionário de Bordeaux, França. Tendo nascido na Europa, eu estava cercado de pessoas que eram sexualmente "livres". Quando eu era jovem, aquele mundo me atraía muito, e eu era profundamente tentado a participar dele. Havia um grande conflito entre minha fé e a sociedade, entre minha convicção e o mundo popular.

A única coisa que me ajudou a atravessar essa época difícil foi meu

testemunho — saber que o Salvador ensinou a verdade, apesar das contradições que existiam entre a igreja e a sociedade. Devido a este fato, minha fé fez com que eu permanecesse firme na Igreja. Havia ocasiões em que eu sentia, por intuição, que havia mais verdade no que a Igreja estava ensinando. Porém, o ato de participar de suas atividades fez com que me mantivesse firme durante aqueles anos de grande tentação. As reuniões, atividades e entrevistas com os líderes forçaram-me a colocar em prática o que havia aprendido e, finalmente, consegui atravessar aquela fase difícil. Tenho certeza de que haverá outros períodos árduos em minha vida, porém esta experiência me ensinou que, quando ocorrem épocas difíceis, a melhor solução é permanecer firme na Igreja.

Mercedes Bonilla, mãe e dona de casa, costarriquenha, consulesa dos Estados Unidos em San José, Costa Rica. Agora que pensei com seriedade a respeito deste assunto, vejo que atualmente não tenho grandes conflitos em minha vida. Todos os que eram de alguma magnitude desapareceram à luz do evangelho. Parece que, quanto mais eu o vivo, menos conflitos tenho em minha vida.

Meus conflitos se resumem nos pequenos e superficiais problemas que encontro diariamente, ao tentar ser uma boa dona de casa e mãe paciente, quando tanto meus filhos como eu estamos muito cansados, e de encontrar tempo para fazer tudo o que desejo.

Os programas da Igreja — especialmente os da Sociedade de Socorro e as lições da Escola Dominical — têm-me ajudado consideravelmente a

resolver estes problemas. Eles são um grande auxílio, quando procuro ser melhor esposa e mãe, quando me esforço para ser amorosa e paciente ou me empenho em dividir meu tempo de maneira eficaz.

As lições da Igreja também exerceram uma grande influência em meus filhos pequenos. Eles voltam para casa após haverem aprendido inúmeras coisas que há muito estou tentando ensinar-lhes. Isto facilita as coisas para mim e sinto como se não estivesse fazendo tudo sozinha, e que estou recebendo bastante ajuda.

Alan Baird, administrador, membro do Bureau Federal de Estabelecimentos Penais, Fort Worth, Texas, Estados Unidos. O maior conflito que encontro em minha vida é a frustração que sinto no trabalho — não somente em saber que o evangelho é verdadeiro, que ele é eficaz para resolver os problemas das pessoas e ajudá-las a suportar as dificuldades mas, por não ser capaz de fazer com que os outros indivíduos criam nos benefícios que dele podem receber.

Sinto esta frustração, principalmente ao trabalhar com alcoólatras e viciados em drogas, que foram enganados pelas filosofias desta geração. Muitos deles são pessoas escolhidas, que estão procurando alcançar algo melhor, que procuram obter as respostas que darão significado a sua vida. Quando não encontram as soluções em suas igrejas e na vida familiar, começam a fazer experiências, e se voltam às drogas em busca de uma possível resposta.

Porém, logo descobrem que as respostas não estão lá, e que arruinaram sua vida. Tais pessoas às vezes estão procurando sinceramente relacionar-se com as outras, consigo mesmas e — acreditem ou não — com Deus. Porém, tristemente, elas não sabem como fazê-lo.

O evangelho me dá perspectiva — a compreensão de que não estamos aqui na terra para passar um período de férias, e sim para crescer. Considerando isto, compreendo que não devo desanimar, se as outras pessoas não aceitam imediatamente o evangelho como uma solução, pois algumas delas ainda não estão prontas para receber esta espécie de crescimento. Assim, o evangelho me ensina a ter a paciência necessária e me ajuda a não desistir de tentar ajudar as pessoas e a continuar a auxiliá-las porque sei que dentro delas existe uma centelha divina, que cada uma é capaz de ser um glorioso filho ou filha de Deus.

Em alguns casos, elas terão que passar muitos anos na prisão, para que possam colocar sua vida em ordem. A oração e uma fé profunda e inabalável no evangelho — toda a experiência mórmon — me sustentam e proporcionam a paz de que tanto necessito para continuar tentando, que me leva a respeitar o livre arbítrio que as outras pessoas têm de tomar suas próprias decisões.

Aprendi que jamais sabemos quando uma pessoa subitamente entenderá os ensinamentos do Salvador, aceitará o evangelho e o viverá com entusiasmo. E isto acontece, e com bastante freqüência, para que tudo valha a pena.

Dafna Braşman, estudante universitária, natural de Tel Aviv, Israel. Devido a minha crença na Igreja e conversão a ela, existe um grande conflito entre mim e minha família. Eles aceitam a mim, mas não aquilo em que creio. Meus familiares acham que não sei o que estou fazendo. Uma pessoa tornar-se cristã e mórmon é algo inusitado em Israel.

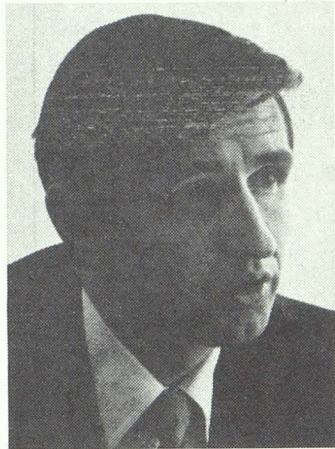
Ainda não consegui resolver este problema, porém o evangelho e o Espírito do Senhor me ajudarão a solucioná-lo. Da última vez que estive com minha família, ele me ajudou a ser compreensiva e atenciosa com ela. O Espírito deu-me a paciência e amor de que tanto necessitava.

Um desafio importante que encontro em minha vida é o de tomar minhas próprias decisões, quando os outros têm diferentes pontos de vista a respeito do que devo fazer na vida. Encontro segurança no conhecimento que tenho de que todos nós somos filhos de Deus, e que nascemos neste mundo com o privilégio de conhecê-lo pessoalmente e de nos comunicarmos com ele através da oração. Tão logo sintamos este amor e tenhamos desenvolvido um relacionamento com ele, será mais fácil compreendermos os outros.

Charles W. Barrett, consultor mídia e escritor autônomo, é encarregado de publicidade na Nona Estaca da Universidade de Brigham Young. Este material foi extraído de seu livro que está em preparação, intitulado The Mormons Today — Facts and Feelings.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral do evangelho, respondidas para orientação, não como pronunciamento oficial da Igreja.



No Velho Testamento, Deus parece ser tão rude que me é difícil conciliar esta impressão com a personalidade de amor e paz retratada em o Novo Testamento, e com o Deus pessoal e amoroso que nele descobri. Como posso harmonizar estas duas impressões?

H. Dean Garrett, professor do Instituto de Religião de Tempe, Arizona.

“Para mim, a resposta começa com esta escritura:

“ ‘Porque povo santo és ao Senhor teu Deus. O Senhor teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que sobre a terra há.’ ” (Deuteronômio 7:6.)

“Esta passagem estabelece o relacionamento básico que Deus teve com a casa de Israel e com aqueles que aderem a ela e tomam sobre si sua missão. Este relacionamento é deveras especial, e difere em tipo e intensidade do que ele teve com seus outros filhos que não haviam feito convênio com ele. É através de Israel, que todos os outros filhos de Deus serão abençoados. É por intermédio deles que o povo deste mundo conhecerá o Senhor e seus caminhos.

“Quando examinamos alguns incidentes do Velho Testamento, como o da esposa de Ló, que foi transformada numa estátua de sal, porque olhou para trás e viu o que estava acontecendo a Sodoma (Gênesis 19), ou a destruição de Acã, de sua família e todos os seus bens, por ter sido desobediente (Josué 7), devemos lembrar-nos desse relacionamento especial que existia entre o povo do convênio e Deus. Devemos ter em mente que o Senhor estava operando com um grupo selecionado de pessoas, cheias de imperfeições, tentan-

do purificá-las para que se tornassem um povo do convênio à altura de suas responsabilidades. Portanto, alguns de seus atos, vistos através de nossa perspectiva, podem parecer rudes, mas não o seriam, se pudéssemos considerá-los através dos olhos da eternidade.

O Presidente John Taylor esclareceu esse tópico, explicando o mandamento que o Senhor deu aos filhos de Israel, de que, se um irmão, filho, esposa ou qualquer um dos membros da casa de Israel tentasse desencaminhar alguém, “certamente o matará”. (Deuteronômio 13:6-9.) Por quê? “Porque, ao se apartarem de Deus, eles perdem a perspectiva de sua existência eterna, corrompem-se e fazem com que a miséria sobrevenha a sua posteridade. Portanto, era melhor destruir apenas alguns indivíduos do que fazer com que a miséria recaísse sobre muitos. É por isto que os habitantes do mundo antigo e das cidades de Sodoma e Gomorra foram destruídos, porque era melhor que morressem, e fossem assim privados de seu livre arbítrio, do qual haviam abusado, do que permitir que trouxessem extrema miséria sobre sua posteridade, e a ruína sobre milhões de pessoas que estavam por nascer.” (*The Government of God*, Salt Lake City: Zion’s Book Co., 1971, p. 53.)

Devido ao fato de que o Senhor tinha que lidar com a casa de Israel

no próprio nível espiritual em que ela se encontrava, pode parecer a alguns que ele foi rígido e desapiedado para com aquele povo. Porém, se os filhos de Israel fossem mais dignos e tivessem aceito a lei maior que ele ofereceu, quando Moisés desceu do monte Sinai pela primeira vez, o Velho Testamento poderia ser lido de maneira muito diferente. Não resta dúvida de que o Velho Testamento foi um rigoroso “aio” para trazê-los a Cristo no nível espiritual em que Israel se encontrava — não no do Senhor.

Poderemos entender melhor a atitude do Senhor, se examinarmos o Livro de Mórmon, o qual cobre algumas épocas do Velho Testamento, mas que, em sua maior parte, apresenta o temperamento do Pai de acordo com o que nos ensina o Novo Testamento. Nele, o Senhor é misericordioso, *mas também implacável*, e trabalha pacientemente com os sinceros pesquisadores e crentes da verdade, mas repreende os fariseus e saduceus, chamando-os de hipócritas, castiga os que iam apedrejar a adúltera e expulsa do templo os cambiadores de dinheiro. No Livro de Mórmon, ele desejava que Lamã, Lemuel e seus filhos tivessem alcançado o mesmo êxito que Néfi e Sam. Ele fez com que os profetas os advertissem e orassem por eles durante muitos séculos. A destruição final dos nefitas não foi uma catástrofe pro-

gramada pelo Senhor, mas sim a consequência inevitável de sua própria iniquidade. Sua misericórdia tinha limites. Embora o campo de ação abrangido no Livro de Mórmon se apresentasse mais amplo que o do Novo Testamento, e os princípios envolvidos fossem em um plano mais elevado, o castigo pela desobediência foi tão justo e inevitável, quanto o que o povo de Israel receberia, caso não se arrependesse. Assim sendo, o ato de ler o Novo Testamento ou o Livro de Mórmon como uma crônica de infinito perdão seria simplesmente entendê-los mal. Além disso, o Velho Testamento está repleto de ensinamentos relativos ao amor, perdão e longanimidade de Deus. Um dos exemplos mais notáveis é o ensinado por Oséias, no qual ele compara sua esposa infiel com a desobediente Israel, e sua própria paciência com a longanimidade do Senhor. Gomer era indigna até mesmo antes de haver-se casado com Oséias, mas ele era paciente, bondoso e afável com ela. Todavia, Gomer abandonou seu marido e filhos e “se prostituiu” e “foi atrás de seus amantes”. Oséias, porém, ofereceu-lhe bondade e perdão. O Senhor estabeleceu um paralelo explícito entre Oséias e a antiga Israel:

“Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho.

“Mas, como os chamavam, assim se iam da sua face: sacrificavam a baalins, e queimavam incenso às imagens de escultura.

“Todavia, eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os pelos seus braços, mas não conheceram que eu os curava.

“Atraí-os com cordas humanas, com cordas de amor; e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas; e lhes dei mantimento.” (Oséias 11:1-4.)

Lembre-se também de que “o primeiro e grande mandamento” foi citado por Jesus dos escritos de Moisés, que se acham em Deuteronômio 6:5; e o segundo, semelhante a ele, o Salvador citou de Levítico 19:18.

Assim, o Velho Testamento não é tão inexoravelmente áspero como pode parecer, nem são o Livro de Mórmon e o Novo Testamento infinitamente pacientes. Primeiro Néfi 10:18 proclama verdadeiramente que Deus “é o mesmo ontem, hoje e para sempre”, e Atos 10:34 corrobora este fato, dizendo que “Deus não faz acepção de pessoas”.

Devemos, portanto, ser cuidadosos, para que não julguemos “ser de Deus o que é mau, ou que seja do demônio aquilo que é bom e de Deus”. (Morôni 7:14.)

DIÁRIO MÓRMON



ECOS CHINESES DA VERDADE

P'an K'uan I

Na época em que terminei o curso colegial, eu era como muitos outros jovens chineses de minha idade, e me considerava um grande cientista. Não acreditava realmente que existisse um Deus, nem conseguia crer que o universo fora criado por ele. Embora aceitasse convites para participar do "bai-bai" (uma tradicional adoração familiar chinesa), gostava mais da

companhia e dos saborosos alimentos que eram oferecidos a seus deuses, como parte da cerimônia, mas que eram comidos pelos participantes. Eu não era o único que sentia isto; às vezes, nem o patrocinador do "Bai-bai" ou seus convidados sabiam a que deus ou deuses estavam adorando naquele dia.

Minha família só adorava seus ancestrais durante os dias festivos chineses, mas, apesar de não existir em nós uma forte tradição religiosa, eu jamais pensaria no cristianismo como uma alternativa: Achávamos que, ao aceitar um deus "estrangeiro", estaríamos traindo nossos ancestrais. Além disso, como muitos de meu povo, eu não apreciava os missionários cristãos, porque seus governos, durante os últimos duzentos anos, haviam invadido meu país, vendido ópio aos meus concidadãos e quase destruído a China, como já haviam feito à Índia, Egito e aos Incas.

Não obstante, certo dia, um colega de escola, Young Ho Chin, que era um santo dos últimos dias, disse-me que ia visitar duas missionárias, que viviam perto de sua casa. Uma

era do Canadá, disse ele. Acompanhei-o apenas para ver aquela canadense, pois nunca tinha visto uma em toda minha vida. Quando fui apresentado à Irmã Moirg Blackmorr, que era de Cardston, Alberta, Canadá, e à Irmã E. Julia Smith, da Cidade do Lago Salgado, elas imediatamente começaram a ensinar-me o evangelho, mesmo antes que eu pudesse perguntar qual delas era do Canadá.

Durante as três primeiras lições, eu não compreendia claramente os termos cristãos que elas estavam usando, e tinha tantas perguntas a fazer a respeito deles, que as missionárias não conseguiam responder a todas. Como se isso não bastasse, muitos de seus ensinamentos pareciam contradizer o conhecimento "científico" que eu havia obtido na escola. Porém, para não ser rude, e sensibilizado com o entusiasmo que elas demonstravam, continuei a pesquisar o evangelho restaurado. Com o tempo, fiquei mais interessado nele do que em tudo o que havia estudado anteriormente.

Então chegou o dia em que elas me pediram que fosse batizado. Eu sabia que aquilo significaria ter de mudar completamente minha vida. Tinha plena convicção de que o evangelho era verdadeiro, mas o conceito tradicional chinês de Deus já estava de tal modo fixado em minha mente, que eu não conseguia libertar-me dele ou ajustá-lo à verdade. Sabia que devia ajoelhar-me e orar, mas quando tentei fazê-lo, uma estranha força se apoderou de mim e não conseguí proferir uma só palavra. Quando parava de orar, aquela força se afastava de mim. Depois de tentar por doze vezes, sem obter

qualquer êxito, finalmente consegui orar. De tanto esforço, fiquei molhado de suor.

Quando me levantei do chão, já eram 2h30 da manhã, mas não tinha a menor dúvida em minha mente. Tomei a decisão e fui batizado. Minha fé não poderia ser completa em apenas um dia, e às vezes pairava em minha mente uma sombra de dúvida; porém, quanto mais eu estudava as escrituras, mais me conscientizava de sua veracidade.

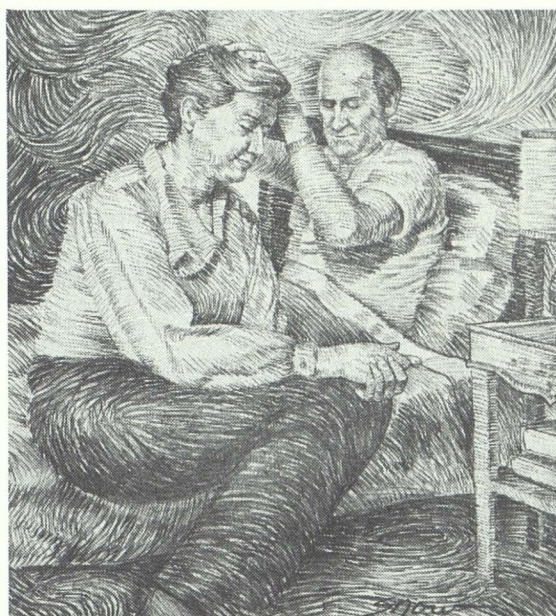
Por exemplo, Deus nos ensinou que devíamos fazer nossa genealogia, e o povo chinês é uma raça que mantém registros genealógicos. Os registros de minha família vão até o ano 1000 A.C. Encontrei também muitos paralelos entre as tradições chinesas e os ensinamentos cristãos. Por exemplo, o folclore chinês preserva a história de Pan Ko Shi, que viveu nos céus e morreu para que seu corpo pudesse transformar-se no mundo. Esta lenda tem alguma semelhança com a missão de Cristo, que foi crucificado para que os homens pudessem ter a vida eterna. Existem outros exemplos: a letra chinesa que significa arca, pode significar também oito pessoas num barco; na arca de Noé existiam oito pessoas (Ver 1 Pedro 3:20.). Colocamos fitas de papel vermelho nas portas para dar sorte e expulsar o mal; os antigos israelitas pintaram as portas com sangue para se protegerem do anjo destruidor. (Ver Êxodo 12:13.) Os registros chineses indicam que seus antigos reis e imperadores viveram cerca de oitocentos anos; o livro de Gênesis

nos ensina que seus antigos patriarcas tinham vida muito longa. Os chineses ensinam que os céus e o inferno são em múltiplos de três, cada um dos quais com uma glória e castigo diferentes. A Igreja ensina que existem três graus de glória. Sempre que o povo chinês tinha um líder tirânico, ele dizia que um verdadeiro filho celestial desceria dos céus, salvaria seu povo e se tornaria seu novo rei. Os chineses também conhecem a definição e necessidade de haver uma oposição.

Quando analiso estes fatos, percebo que meu povo certa vez possuiu a verdade. Desde as épocas mais antigas, os chineses conseguiram reter apenas uma vaga idéia de todos estes ensinamentos. Mas não resta dúvida de que eles os guardam e honram a seu próprio modo. Agora eu sei que não estou traíndo meus ancestrais ao aceitar a Igreja, nem estou adorando a um Deus "estrangeiro".

Muitos anos depois que fui batizado, meus pais e amigos finalmente me aceitaram como um santo dos últimos dias; um homem estranho que não bebe vinho, não fuma cigarros nem tem amantes, e que, por incrível que pareça, há ocasiões em que não come nada. Eles dizem que eu não tenho satisfação alguma na vida, mas ganhei um prazer e paz em meu coração que estão além de seu entendimento.

Andrew Kuang I Pan, comerciante, é sumo conselheiro da estaca de Taipei, Taiwan.



SUAS MÃOS EM MINHA CABEÇA

Anna-Greta Malm

Eu estava muito feliz, porque havia terminado a II Guerra Mundial. Havíamos casado recentemente, e nosso primeiro filho acabara de vir ao mundo. Eu amava meu marido e sentia-me edificada pelo grande amor que ele sentia por mim. Então, no outono de 1946, ocorreu uma transformação drástica. Certa vez, meu marido voltou radiante de alegria para casa, e disse-me que havia encontrado o mais precioso de todos os tesouros — o evangelho de Jesus Cristo.

Fiquei arrasada e não quis ouvir suas explicações. Quando ele foi ba-

tizado no dia 7 de janeiro de 1947, senti que um abismo intransponível se abria entre nós. Os próximos nove meses foram praticamente insuportáveis.

Então, certa manhã, acordei particularmente infeliz. De alguma forma eu sabia que estava errada, que meu marido estivera dizendo a verdade e que eu devia batizar-me em sua Igreja. Apesar do conflito que existia dentro de mim, eu sabia que devia fazer aquilo, e no dia 8 de novembro de 1947, meu marido fez-me entrar numa nova vida. Foi o dia mais feliz de minha existência, e senti uma felicidade tão grande, que não consigo descrever.

Em 1957, fomos selados no templo da Suíça, juntamente com nossos filhos. Foi uma experiência maravilhosa para nós — e também muito importante. Meu marido estava enfermo, e após passar por duas operações muito delicadas, os médicos nos informaram de que ele não tinha muito tempo de vida.

Apesar da enfermidade, seus últimos dias foram quase felizes. Houve ocasiões em que sentíamos a mais pura alegria por termos tido a oportunidade de receber o estímulo que o evangelho nos proporcionou, outras em que nos rejubilamos, com lágrimas de gratidão, pelo fato de sua morte iminente não poder separar-nos.

Houve, porém, épocas em que me vi tomada de grande tristeza e amargura. Que faria eu sem a companhia de meu marido? Como poderia cumprir a responsabilidade de criar meus filhos e fazer com que adquirissem testemunho inabalável? Como pode-

ria atravessar os problemas financeiros que sobreviriam?

Certa ocasião, quando tais preocupações enchiam minha mente, meu marido perguntou: “Anna-Greta, você gostaria de que eu lhe desse uma bênção?” Ele sentou-se na cama, colocou suas débeis mãos sobre minha cabeça, e, pelo poder do sacerdócio, abençoou-me com a habilidade de cumprir eficientemente todas as minhas responsabilidades. Esta bênção tem estado comigo de uma forma bem real durante todos estes anos que se passaram, desde que ele faleceu. Às vezes, ao enfrentar algum problema difícil, eu digo a mim mesma: “Você recebeu uma bênção de seu marido, para que fosse apta a resolver estes problemas”, e sinto novamente aquelas débeis, mas poderosas mãos sobre minha cabeça. Não houve uma só ocasião em que não fui capaz de vencer as dificuldades que se apresentaram.

Meus filhos são agora pais e mães responsáveis por uma nova geração de santos dos últimos dias, e servem ao Pai Celestial com profunda alegria, da qual tenho o privilégio de compartilhar. Sou profundamente grata pelo fato de o Senhor não se haver cansado de mim por não ouvi-lo! Quão grata sou pelo poder selador do sacerdócio que me reunirá novamente a meu marido, e que nos tem mantido juntos durante estes longos anos de separação.

Anna-Greta Malm, mãe de cinco filhos, é professora do Seminário da ala de Jonkoping, Suécia.

Guiado Através de Águas Revoltas

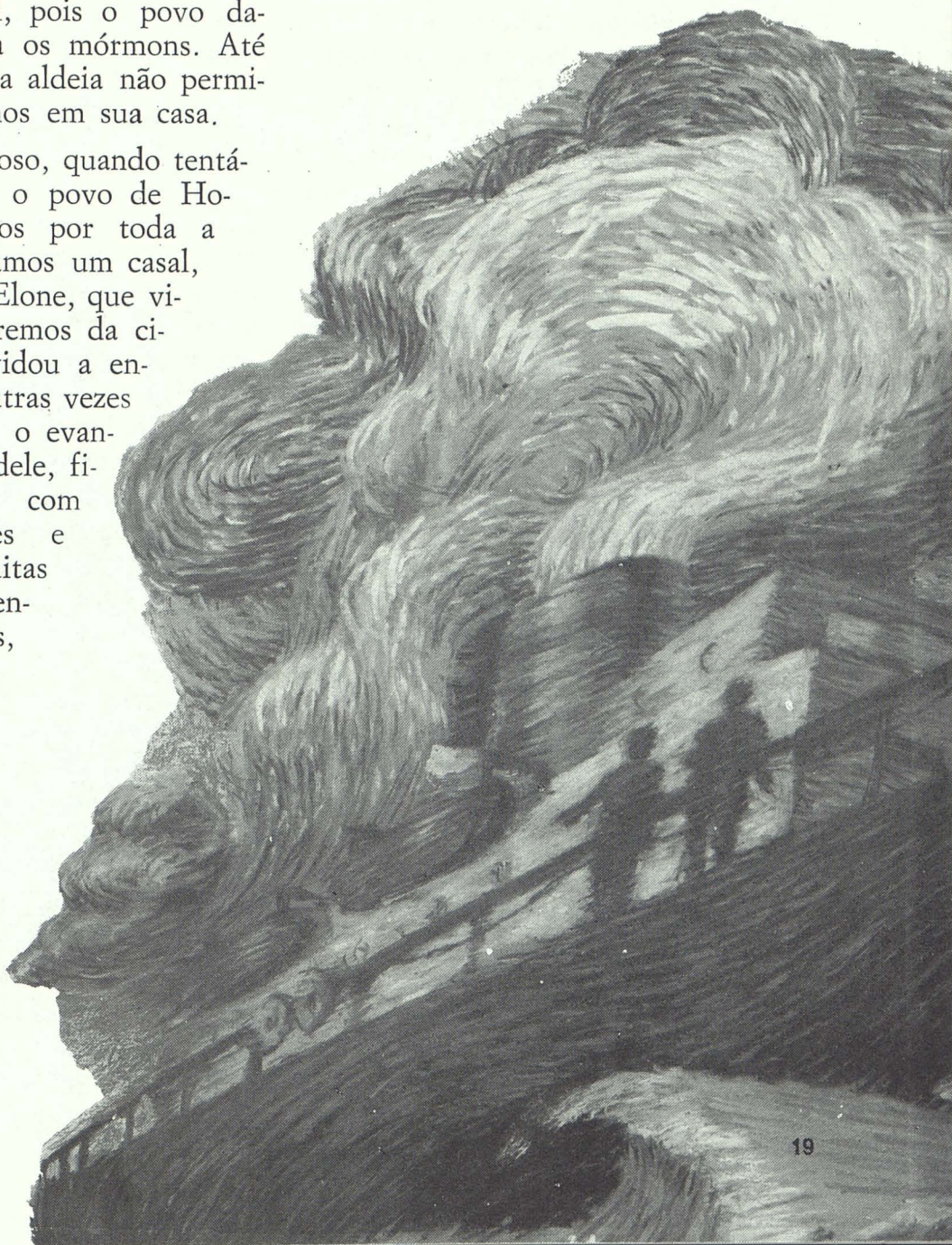
Kelikupa Kivalu

Em 1966, minha esposa, Manuake'ifanga, e eu fomos chamados para ser missionários em Tonga. A primeira designação que recebemos foi de estabelecer um ramo na vila de Holonga, na ilha de Vava'u, e devíamos permanecer lá até completar a missão que havíamos recebido. Foi uma tarefa muito difícil, pois o povo daquela ilha odiava os mórmons. Até mesmo o chefe da aldeia não permitia que entrássemos em sua casa.

Certo dia chuvoso, quando tentávamos falar com o povo de Holonga, caminhamos por toda a cidade e encontramos um casal, chamado Vaia e Elone, que vivia num dos extremos da cidade e nos convidou a entrar. Voltamos outras vezes para lhes ensinar o evangelho, e através dele, fizemos amizade com outros habitantes e entramos em muitas outras casas. Dentro de dois meses, a presidência da missão estabeleceu um ramo naquele local, que era freqüentado por 116 pessoas, 46 das quais

eram membros da Igreja. Depois disso, fomos chamados para ser líderes de zona.

Certa época de nossa missão, minha mulher e eu fomos visitados pelos élderes Sione Ma'ake Mafi e Felipe Nau, e nós quatro fomos visitar os missionários da ilha de Hunga. Após trabalharmos com aquele povo durante todo o dia, entramos num pequeno vapor para voltar à ilha de Nuiafa, de onde havíamos partido; porém, durante a viagem, quando nos aproximamos da parte mais pro-



funda do oceano, as ondas estavam tão altas, que não conseguimos prosseguir viagem. Todos molhados e morrendo de frio, pedimos ao capitão que nos deixasse na ilha mais próxima. Ele concordou, mas ao chegar perto dela, em vez de dirigir-se para o cais, ele nos deixou em um lado da ilha onde nenhum barco jamais conseguiria atracar.

Era uma área muito perigosa, onde o mar bravio se arremessava continuamente contra os rochedos. A água era muito profunda, e para alcançarmos o topo da ilha, teríamos que escalar os recifes quase verticais. O capitão disse que nos preparássemos para pular do barco, um de cada vez, e tentar alcançar as rochas parcialmente submersas que existiam perto da margem. Pedi-lhe, por favor, que nos levasse até o porto e nos deixasse lá, pois minha mulher não sabia nadar; disse-lhe que lhe pagaria o dobro, se assim fizesse, mas ele não nos atendeu. Quando nos aproximamos do lugar onde devíamos pular, pudemos notar o grande ódio que aquele homem tinha pela Igreja.

O élder Mafi era um homem acostumado ao mar, e não precisávamos preocupar-nos com ele. Quanto a mim, a ilha de que nos aproximávamos era onde eu havia nascido e me criara. Nossa única preocupação era com Manu, minha mulher. Infelizmente a maré estava muito cheia, e as rochas a que devíamos chegar estavam totalmente encobertas pelas águas. O élder Nau saltou primeiro. Então o vapor fez um círculo e eu pulei em seguida e comecei a nadar em direção aos recifes. O barco deu uma terceira volta, e nossas roupas e pertences foram atirados ao mar. Da quarta vez, foi minha mulher que saltou, e quando ela o fez, pareceu

abrir-se um caminho em meio às ondas revoltas. A água se tornou muito rasa somente no local onde ela estava, e assim conseguiu alcançar os rochedos. Da quinta vez, o élder Mafi saltou ao mar, e o vapor afastou-se.

Quando começamos a procurar um lugar por onde pudéssemos subir a encosta íngreme, encontramos uma saliência em que havia um buraco, através do qual crescia uma pequena árvore. Agarrando-nos a ela e nos arrastando pelo buraco, poderíamos alcançar a terra firme que existia no topo; entretanto, o buraco dava apenas para uma pessoa de cada vez atravessar, e a árvore era muito frágil. O élder Nau foi o primeiro a tentar, e depois de muito esforço, conseguiu atingir o cume. Eu subi depois dele. Minha mulher e o Élder Mafi ficaram para trás. Como Manu era muito fraca, ela não seria capaz de subir na pequena árvore, por isto o Élder Mafi se ajoelhou e ela subiu em seus ombros. Lá em cima, o Élder Nau e eu pegamos em seus braços, e depois de muito esforço, conseguimos fazê-la passar pelo buraco. Quando todos nós nos encontrávamos no topo, caminhamos cinco quilômetros até a aldeia mais próxima, onde comemos alguma coisa antes de caminhar mais três quilômetros até a vila de Matamaka. Após uma turbulenta viagem de canoa, finalmente conseguimos chegar aos nossos lares.

Sempre serei grato ao Pai Celestial pelo amor e proteção milagrosa que ele teve para conosco naquele dia. Posteriormente soubemos que o capitão, que odiava tanto os mórmons a ponto de lançar-nos para fora de seu barco, perto de perigosos arrecifes e em meio a uma violenta tempestade, se havia filiado à Igreja!

Quando eu tinha dezesseis anos, recebi minha primeira licença de motorista e, pegando o carro de meu irmão mais velho, fui com um amigo a um cinema da Sunset Boulevard, em Hollywood, Califórnia. Ao sairmos de lá, dirigimo-nos para o estacionamento, onde um casal se aproximou de nós. A mulher parou, olhou bem dentro de meus olhos e disse: "Arrependa-se!"

Não disse nada a meu amigo enquanto voltávamos para casa, mas silenciosamente disse a mim mesmo:

"Arreponder-me-ei quando tiver 55 anos." (Naquela época, cinquenta e cinco anos de idade parecia ser uma ocasião em que a existência perderia mesmo todo o significado, e arreponder-se seria mais fácil e sábio do que quando se está com dezesseis anos de idade.)

Dois anos depois, um grupo de rapazes de minha faculdade descreveu a alegria que sentiram, quando se arreponderam e "aceitaram a Jesus Cristo". Eu não era membro de nenhuma igreja, mas fui atraído pelo entusiasmo e confiança que aqueles

Arreponder-me aos 55 anos?

Michael V. Lee



jovens demonstraram. Naquela noite, eu falsamente contei ao Senhor (enquanto descansava na cama) que eu aceitava a Jesus Cristo como meu Salvador. Então esperei um pouco para sentir o que aquele grupo de rapazes me havia prometido na escola, porém nada aconteceu. Adormeci, desanimado, e no dia seguinte resolvi novamente arrepender-me, quando tivesse cinqüenta e cinco anos.

Comecei a cursar a faculdade, e nessa época, juntei-me a alguns grupos sociais e acabei envolvido em profundos problemas com a bebida. Reconhecendo minha crescente dependência do álcool, tentei mudar. Logo descobri, todavia, que as tentativas feitas para livrar-me da bebida eram extremamente decepcionantes.

Recebi, então, a notícia de que um colega da escola tinha sido gravemente ferido num acidente de automóvel, provocado por um motorista bêbado. Assisti ao funeral e ouvi um sermão que transformaria minha vida. Chegando tarde à cerimônia, permaneci no fundo da grande capela, e ouvi atentamente o necrológio que o orador fez. Ao prestar tributo a meu amigo Lance, ele proferiu as mais lindas palavras que meus ouvidos teimosos haviam escutado. Ele disse: "Lance encontrou aos vinte anos de idade o que muitas pessoas jamais conseguiram achar em toda sua vida — Jesus Cristo!"

Aquelas palavras não somente me insuflaram grande fé e esperança, mas também me ajudaram a compreender que eu devia mudar radicalmente minha vida, se quisesse encontrar a Cristo. Elas me ensinaram que o conhecimento secular, que eu

considerava tão valioso, era inferior à sabedoria e vitalidade que conseguiria obter através da obediência às leis divinas. E obedecer, no meu caso, significava arrepender-me.

Naquela noite, sozinho em meu quarto da casa de estudantes onde eu residia, orei fervorosamente, reconheci meus pecados e concluí minha oração que durou diversas horas, comprometendo-me a viver uma vida genuinamente cristã.

Os dias seguintes, porém, e as provas que eles trouxeram, provaram que eu tinha apenas uma noção infantil do que era a autodisciplina. Após três semanas de sucessos e fracassos alternados com o problema do alcoolismo, voltei novamente à presença do Senhor e expressei com humildade meu pesar por minha inconsistência. Disse-lhe que, a não ser que ele logo me ajudasse de alguma forma, eu voltaria novamente à "antiga vida", e tentaria ser mais feliz com o que eu era, pois as ansiedades que eu havia acumulado durante aquelas semanas eram maiores do que eu podia suportar.

Daquela dia em diante, procurei conhecer algo a respeito de pessoas que haviam tido um caráter exemplar. Lembrei-me pela primeira vez do que meu pai disse, quando atravessávamos a Cidade do Lago Salgado há alguns anos atrás: "Estes mórmons realmente sabem cuidar de si próprios." Lembrei-me também de que os mórmons não bebiam. Falei com alguns de meus amigos do grêmio estudantil a respeito da igreja mórmon, e ouvi diversas histórias a respeito deles. Soube, entre outras coisas, que um membro de nossa

associação era mórmon — que fora inativo, mas que agora havia voltado a freqüentar a Igreja.

Após quatro dias, depois de orar ao Senhor pedindo ajuda, assisti a uma festividade social promovida pelo grêmio estudantil, com a firme determinação de passar aquela noite “sem problemas”. Eu estava tomando um refrigerante, quando vi Jeff — aquele membro de nosso grêmio que era mórmon — que estava fazendo o mesmo. Decidi falar com ele e, atravessando a sala, chamei sua atenção e disse algo que surpreendeu a nós dois. As palavras vieram espontaneamente: “Jeff, onde fica sua igreja?”

Provavelmente ele tinha conhecimento de minha reputação, pois me olhou tomado de incredulidade: “Por que pergunta?”, disse ele, finalmente.

Expliquei que não tinha bem certeza. Ele reconheceu minha sinceridade e prometeu que responderia às minhas perguntas no dia seguinte.

No outro dia, conversamos e lhe fiz muitas perguntas. Jeff não pôde responder a todas elas, mas assegurou-me de que tinha dois amigos que o fariam. Ele disse que eles estariam em sua casa na sexta-feira à noite, para falarem com sua namorada que ainda não era membro da Igreja, e que eu também poderia assistir à palestra. Embora eu estivesse grato pelo convite, achava francamente que renunciar a uma festa na sexta-feira para assistir a uma reunião religiosa era o maior dos sacrifícios.

Quando vi os missionários pela primeira vez — de camisa branca e gravata — disse a mim mesmo que devia ter ido assistir à festa com meus colegas. Não acreditava que aqueles jovens missionários seriam capazes de me ensinar alguma coisa.

Fui forçado a reconsiderar aquela impressão inicial. Descobri que o testemunho daqueles élderes era muito poderoso, e que eles realmente tinham algo a me oferecer. Continuei, portanto, a assistir às palestras, porém persistiam minhas dúvidas e nem sempre conseguia harmonizar o que os missionários diziam com o que estava aprendendo na escola.

Cheguei mais cedo ao ser apresentada a terceira lição, mas em vez de entrar, permaneci do lado de fora da casa e orei. Pedi ao Senhor que de alguma forma me dissesse durante a palestra se a Igreja era realmente verdadeira. Depois disso, entrei na casa de Jeff.

Logo depois de iniciar a palestra, sobreveio-me uma sensação indescritível. Sabia que era uma força real — a influência do Espírito Santo. Ela penetrou em cada partícula de meu corpo com grande poder. Agora eu sabia com todo o meu ser que a Igreja era verdadeira, que iria batizar-me e me tornaria um missionário. Não recebi nenhuma manifestação miraculosa, nem ouvi qualquer voz ou vi luzes radiantes, mas sabia que o que sentira era real.

Deixei aquela sala sem o menor desejo de praticar o mal. De fato, a partir daquele momento, a violação

da Palavra de Sabedoria se tornou completamente inconsistente com a minha natureza. Fui abençoado com algumas experiências sagradas, e mesmo antes de ser batizado, eu já estava apto a prestar testemunho a outros pesquisadores do evangelho.

Fui batizado no dia 26 de novembro de 1972, e comecei a economizar para fazer missão. Ao chegar o verão seguinte, eu já havia poupado seiscentos dólares. Nessa ocasião, fui entrevistado pelo presidente da estaca. Ele me perguntou quando pretendia sair em missão. Respondi-lhe que havia estabelecido a meta de sair em dezembro.

“Por que em dezembro?” perguntou ele. Expliquei-lhe que naquela época, eu teria a metade do dinheiro de que necessitava (cerca de 1.800 dólares). A outra metade seria paga pelo quorum dos élderes.

Ele sugeriu, entretanto, que eu estivesse pronto para partir em outubro. Declarei que, se assim fizesse, colocaria um grande fardo sobre os ombros do quorum dos élderes, e que não gostava nem mesmo da idéia de eles terem que pagar a metade. Conversamos sobre o assunto durante algum tempo, mas continuei a insistir, e finalmente decidi sair em dezembro.

Ao voltar para casa, não me senti muito bem a respeito do assunto, pois não queria dar uma resposta negativa ao presidente da estaca — mas não via meios de estar pronto para sair em outubro. Porém, então

uma série de perguntas começaram a vir a minha mente: “O que você está dirigindo?” Um carro. “A quem ele pertence?” É meu. “Por que o não vende?” Está bem. “O que você tem em casa?” Um conjunto estéreo, uma prancha de surfe, esquis etc. As perguntas continuaram, até que, ao chegar em casa, eu já havia vendido mentalmente tudo o que possuía.

Ao entrar em meu quarto, peguei um lápis e uma folha de papel e comecei a imaginar o quanto teria em outubro, se vendesse tudo. Se todas as coisas corressem bem, eu teria os mil e oitocentos dólares de que necessitava. Telefonei para o presidente da estaca e disse-lhe que sairia em outubro. “Eu tinha plena certeza disso”, respondeu ele.

Ao adquirir hábitos mais frugais, fui abençoado com a inspiração do Senhor e surgiram novas oportunidades de maneira milagrosa. Chegando o mês de outubro, eu tinha 3.600 dólares! Pude, assim, sair na época combinada e financiar inteiramente minha missão.

Ao pregar o evangelho, percebi que minhas antigas fraquezas se haviam transformado em força, e que quando falava com pessoas que desejavam adiar seu arrependimento e compromisso, podia dizer-lhes o que havia aprendido de meu amigo Lance, dos missionários e do Espírito Santo.

Por que alguém desejaria adiar a alegria de uma vida bem ordenada, de uma consciência tranqüila e de ter um testemunho do Salvador?

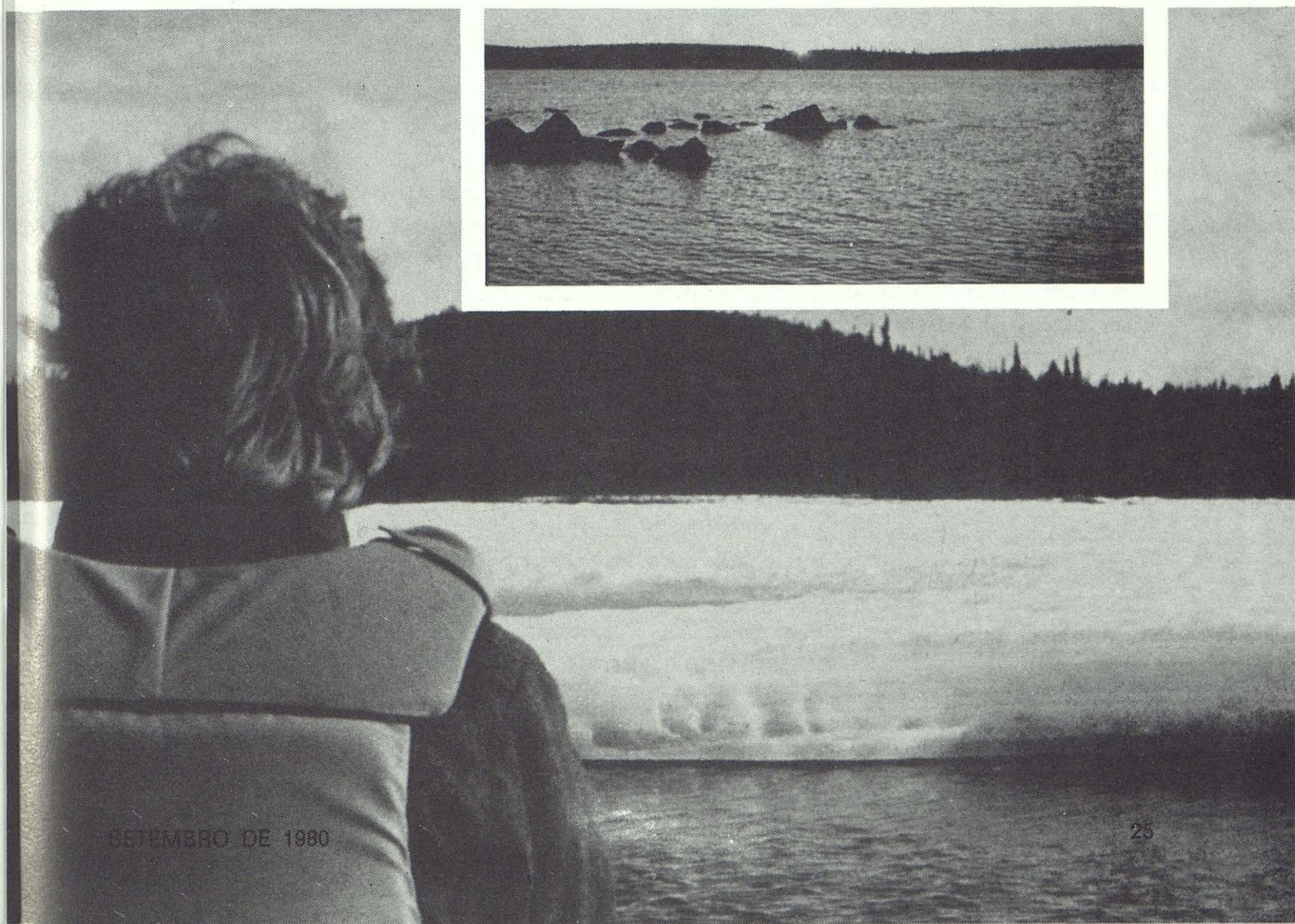
DOIS SOZINHOS TRÊS UNIDOS

Aksel Tanner

Há alguns anos, havíamos planejado viajar através das corredeiras. A correnteza era tão forte, que não tínhamos outra escolha senão enfrentar tudo o que o rio tinha pela frente. Em determinado trecho, de repente

as águas revoltas se acalmaram. Tudo pareceu parar por um instante. O vento amainou, o rio se aquietou; o bater de nossos corações diminuiu um pouco e recobramos novamente o fôlego e tudo quase voltou ao normal. O que vimos no instante seguin-

Corredeiras, ursos cinzentos, lobos, gelos flutuantes, um clima hostil — Bob Tanner e seu pai enfrentaram tudo isto numa viagem de 1.126 quilômetros através dos desertos indomáveis situados ao noroeste do Canadá. Mas com isto, ganharam mais união, e descobriram que ninguém está realmente só.

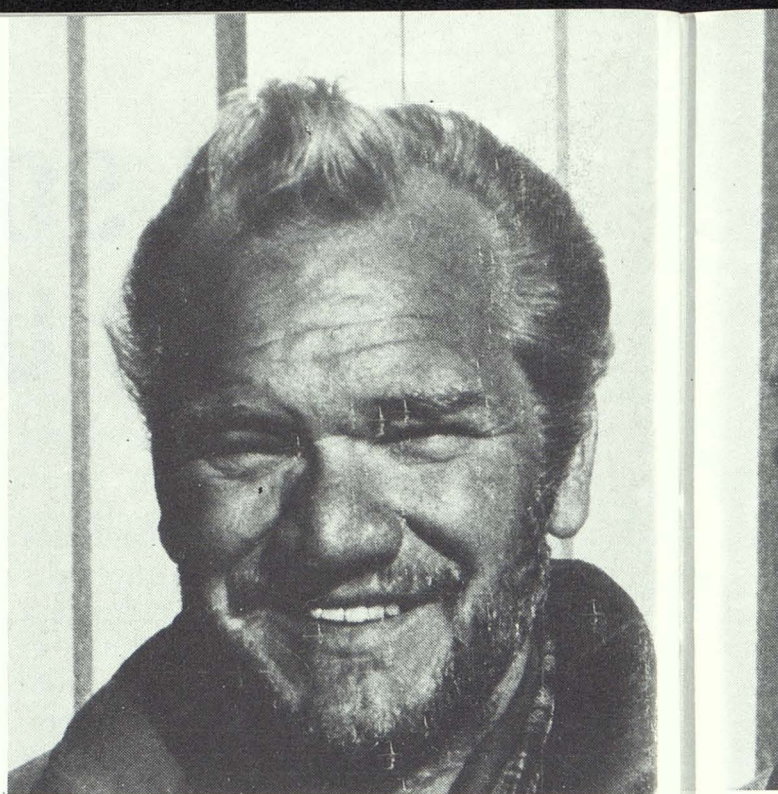


te nos deixou mais atemorizados do que as corredeiras — uma calma linha d'água se estendendo de uma a outra margem do rio, visão que só poderia significar uma coisa: uma cachoeira!

Não havia qualquer indício de uma cachoeira em nossos mapas, mas já era um pouco tarde para nos preocuparmos com ela. Naquela área grandemente inexplorada dos territórios situados ao noroeste do Canadá, freqüentemente encontrávamos surpresas. Tudo o que podíamos fazer naquele instante era orar e seguir em frente.

Felizmente a cachoeira não era muito grande, mas suas enormes ondas e a força das águas era mais do que nossa canoa podia suportar, e fomos lançados num banho em que a água tinha três graus positivos. Nós dois sabíamos que tínhamos menos de dez minutos para chegar à margem, ou morreríamos congelados. Foi um tremendo teste de vitalidade, perseverança e determinação, mas de alguma forma conseguimos arrastar-nos até as rochas ribeirinhas, levando o barco, antes de desmaiarmos.

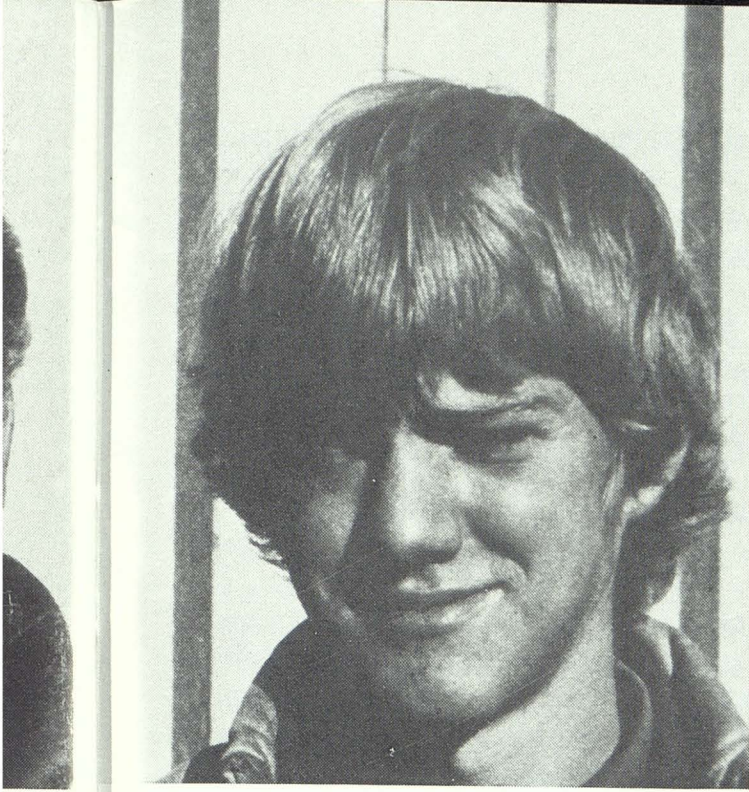
Circunstâncias incomuns e extremas fizeram com que eu e meu filho saíssemos de nossa casa em Salém, Utah, e empreendessemos nossa aventura rumo ao noroeste do Canadá, numa viagem de 1.126 quilômetros que eu jamais arriscaria fazer, sem a direção inspirada do Senhor. Quando Bob tinha 17 anos, ele desejava ardentemente obter um emprego, como a maioria dos rapazes de sua idade. A maior parte do que ele ganhava era destinada a seu fundo missionário. Ele havia sonhado durante quase toda a vida fazer missão, e pretendia seguir o exemplo de David, seu ir-



mão mais velho, que havia servido na Missão Flórida-Tallahassee.

Porém o emprego lhe trouxe péssimas influências. No início, Bob pensou que poderia superá-las, e deveria ter conseguido, mas pouco a pouco começou a sucumbir a elas. Minha mulher e eu sugerimos que ele mudasse de emprego, e Bob assim o fez. Mas o segundo emprego foi ainda pior que o primeiro. Houve graves transformações em sua vida, e logo se tornou evidente que ele deixara de fazer as orações pessoais. Seu desejo de fazer missão começou a diminuir e ele gastou milhares de dólares de suas economias em divertimentos e festas.

Desconsolados, sua mãe e eu jejuávamos, orávamos e visitávamos o templo freqüentemente. Certo dia, quando estávamos no templo de Provo, recebemos a resposta. Minha mulher sussurrou que tinha a firme impressão de que, se levássemos Bob ao rio Coppermine, ele recobriria seu amor ao evangelho. No início, pensei que ela estava louca.



Meus filhos e eu havíamos lido alguma coisa a respeito do rio Coppermine, há muitos anos, numa revista sobre acampamentos. Seis exploradores americanos relatavam como, em 1974, haviam sido os primeiros a viajar todo o percurso do rio, que serpenteia através de 482 quilômetros de tundra, antes de desaguar no Golfo Coronation, no Oceano Ártico. Os mapas mostravam 38 conjuntos de corredeiras, e um relatório do governo dizia que elas tinham uma turbulência de cinco, numa escala de zero a seis. O artigo informava que um determinado grupo de corredeiras tinha ondas de até quase três metros. Um grupo de canadenses havia tentado seguir o mesmo percurso de 1973, mas tinha sido forçado a voltar, devido ao frio insuportável.

Desde a época em que lemos aquela publicação, David, Bob e eu havíamos sonhado em conquistar o rio Coppermine. Mas aquilo não passara de um sonho. Nossos recursos financeiros não nos permitiriam seguir de

avião até a cabeceira do rio. Se começássemos a viagem de lá, isso significaria carregar nossas canoas e equipamentos nos ombros através de mais de 644 quilômetros através de pequenos lagos, num território hostil, apenas para poder chegar até onde o rio começava. Embora todos nós já tivéssemos uma considerável experiência com o deserto, seria uma viagem difícil e árdua.

Mas eu sabia que minha mulher fora inspirada, e tinha plena confiança de que o Senhor me diria a mesma coisa. Antes de sairmos do templo, recebi a confirmação do que ela me dissera. Mesmo assim, era difícil imaginar de antemão o que tal viagem significaria.

Obtivemos mapas da área com o governo canadense, mas David decidiu que não devia deixar sua família sozinha, por isto Bob e eu começamos a planejar nossa viagem com bastante antecedência. Iniciamos um programa de exercícios e preparação física, para estarmos em boas condições ao chegar a partida. Traçamos nossa rota nos mapas, os quais cobriam uma área de seis metros quadrados, se fossem abertos todos ao mesmo tempo. Já havíamos empreendido muitas viagens pelo deserto e através dos rios, e confiávamos na experiência anterior que tínhamos adquirido, de descobrir o que precisaríamos levar em termos de comida e equipamentos.

Após quatro meses de planejamento e pesquisa, tínhamos cada centímetro quadrado de nossas mochilas abarrotado de equipamentos, as refeições de alimentos desidratados cuidadosamente racionadas, cada série de 16 quilômetros de viagem demarcados, e delineado o percurso diário que decidíamos seguir. Quan-

do chegássemos ao Canadá, preencheríamos os formulários requeridos pela Polícia Montada, e alistaríamos a rota que pretendíamos seguir e a data provável em que terminaríamos a viagem.

Partimos de Salém, Utah, no dia 23 de junho de 1978, e chegamos aos lagos Yellow Knife e Great Slave cinco dias depois, onde deixamos nosso carro guardado na casa de alguns membros da Igreja que aceitaram gentilmente nos ajudar. Nossa jornada começou realmente, quando nossos amigos nos levaram a um local situado a 26 quilômetros de sua casa, onde nos deixaram para seguirmos viagem.

Levaríamos nos ombros todos os nossos equipamentos e canoa 91 vezes até chegarmos ao rio Coppermine. Haveria ocasiões em que teríamos de carregar todo o nosso equipamento uma centena de metros. O percurso mais longo que precisaríamos enfrentar trazendo-os às costas seria de quatro quilômetros. Porém, às vezes, carregar todo o nosso equipamento significaria fazer duas ou três viagens para poder levar todo ele, tal a dificuldade do percurso. A tarefa mais difícil que teríamos ao carregá-los durante a viagem seria através de uma área queimada, cheia de tocos e cinzas. Nessa região, levamos 21 horas para percorrer um pouco mais de três quilômetros.

Durante as primeiras 2 semanas e meia, viajamos através de uma floresta de pequenos pinheiros. Chegamos, então, à tundra, que era uma região larga e plana, pontilhada de centenas de lagos. Logo nos acostumamos ao trabalho de cruzá-los. Depois que atravessávamos um deles, carregávamos as Canoas e os equipamentos até a margem seguinte e co-

meçávamos novamente. Os primeiros dias transcorreram quase sem acontecimentos, a não ser pelos mosquitos e fantásticas pescarias que fizemos.

Havia tantos mosquitos, que eles se tornaram parte de nossa dieta. Depois da primeira semana, havíamos recebido tantas picadas deles, que parecíamos duas bolhas ambulantes. Os mosquiteiros e repelentes eram essenciais a nossa sobrevivência.

As pescarias, por outro lado, eram a realização dos mais alucinados sonhos de um pescador. Quase toda vez que lançávamos a linha, pegávamos um peixe. O menor que pegamos pesava quase um quilo, e o maior deles media 106 centímetros. O peso médio dos peixes que apanhamos foi de 6 quilos. A umbrina ártica e o lúcio do noroeste, peixes comuns daquela região, são deliciosos quando assados numa fogueira.

Aprendemos algumas lições da maneira mais difícil. Por exemplo, descobrimos que as botas de couro não são apropriadas para se caminhar sobre a tundra. Ao andar sobre ela, os pés afundam no solo às vezes de 45 até 60 centímetros ou mais, e embaixo do solo está constantemente congelado. Assim sendo, nós estávamos caminhando permanentemente sobre a água gelada, e nossos pés estavam sempre frios. Descobrimos também que, quanto mais perto nos aproximamos do Pólo Norte, mais difícil é seguir os mapas, porque o pólo magnético muda constantemente, pois a diferença entre o norte magnético e o norte verdadeiro é muito grande. (Em Utah, a diferença é de 16 graus, ao passo que no Ártico, ela é de 42 graus.)

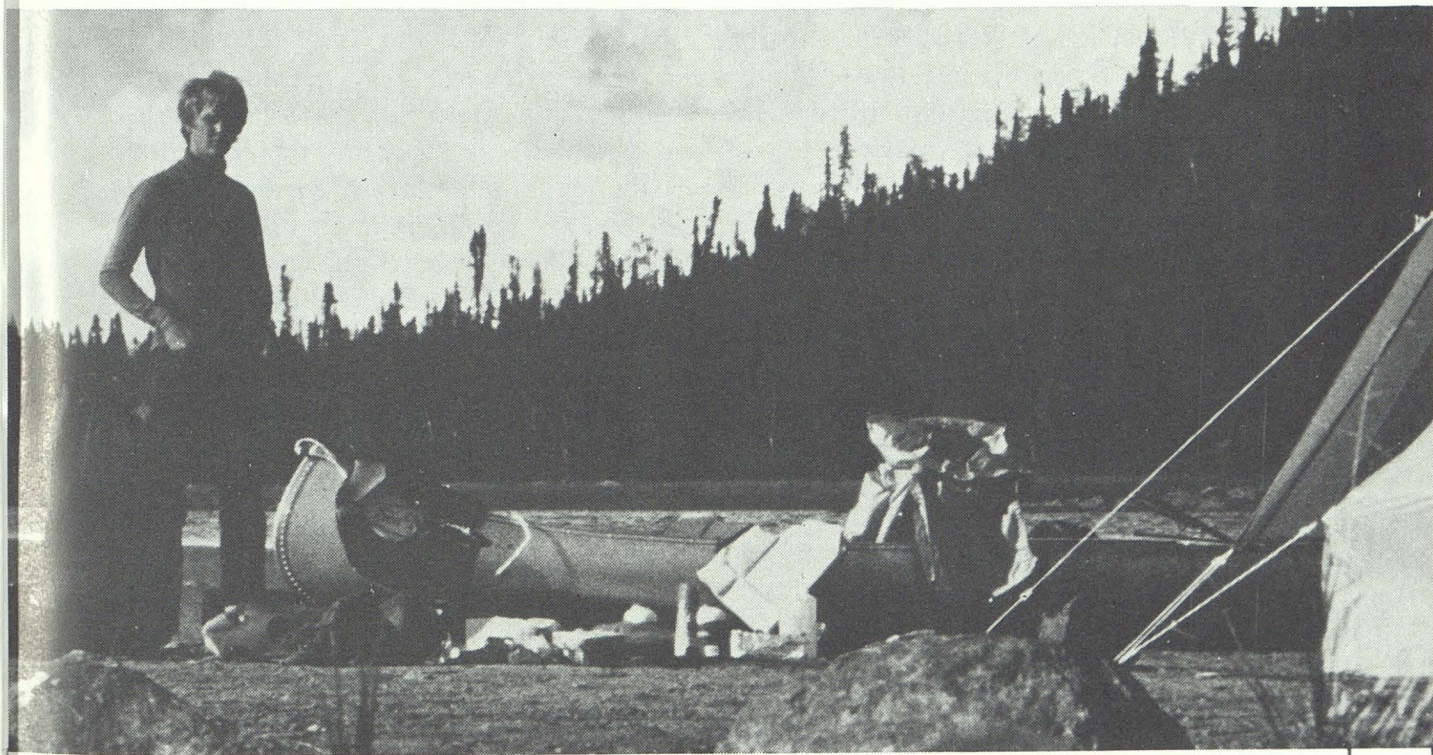
A lição mais dramática que aprendemos, todavia, foi a de que é vital seguirmos rigidamente um programa

determinado. Depois de viajarmos 3 semanas e meia, estávamos seis dias atrasados. Isto significava que nos últimos seis dias de viagem não teríamos alimento nenhum. Precisaríamos viver do que conseguíssemos encontrar, e isto retardaria ainda mais nossa jornada. Os gravetos são o único combustível que se pode encontrar na tundra e se leva horas para achar o suficiente para cozinhar um peixe. Uma outra preocupação que tínhamos era a temperatura. O verão do noroeste é semelhante ao inverno de Utah, e a temperatura é imprevisível. Sabíamos que teríamos de enfrentar neve, ventos, tempestades e temperaturas congelantes, e em meados de agosto, o início do inverno. Tínhamos previsto que nossa viagem terminaria no dia 7 de agosto, portanto uma demora de apenas alguns dias poderia ser algo realmente trágico. Começamos a viajar o mais rápido que podíamos.

A escuridão não era problema, pois havia claridade durante toda a noite. Entretanto, as nossas emoções e também os músculos estavam sempre tensos. Em seis semanas, tivemos

apenas cinco dias totalmente ensolarados, e somente nove em que vimos o sol. A temperatura mais quente que tivemos durante a viagem foi de 12,8 a 15,6 graus positivos. Durante todo o resto do tempo, uma fina garoa nos acompanhou, exceto quando nos víamos em meio de alguma violenta tempestade. Houve ocasiões em que Bob se voltava para mim e dizia: "Papai, você está se sentindo solitário?" e eu respondia: "Eu realmente estou." Sentíamos saudades da família (eu tinha também mais nove filhas), mas sabíamos que suas orações e apoio estavam constantemente ao nosso lado.

Começávamos a viajar mais ou menos às oito horas da manhã e terminávamos a uma hora da madrugada seguinte. Mesmo com os músculos doloridos e extenuados, tínhamos de nos manter em movimento, pois não havia outra escolha. Ansiávamos ver o dia em que chegaríamos ao Point Lake, o primeiro dos diversos lagos que significaria o fim do ato de carregarmos os equipamentos, e que indicaria que havíamos viajado 482 quilômetros e tínhamos pela frente



160 quilômetros de jornada até chegarmos ao rio.

Enquanto viajavamos pelo Ártico, o poder de orientação e proteção do Espírito estava sempre presente. Orávamos regularmente durante a viagem. Eu havia estabelecido um padrão e esperava que Bob o seguisse, e ele assim o fez. Durante a primeira semana, suas orações foram esporádicas e curtas, porém, quanto mais adentramos aquela região desconhecida, mais elas se revestiram de objetivo e emoção. Começamos a realmente falar com o Senhor. Bob agora dizia por favor, ao comunicar-se com ele, e ao ouvi-lo falar assim, sabia que ele se achava no caminho de volta. Quando nos encontrávamos numa situação muito difícil, ele realmente abria seu coração. Houve ocasiões em que orávamos uma dúzia de vezes ao dia. O sentimento de nossas orações começou a aumentar, até chegar o ponto de sentirmos que nós dois não estávamos sós, e que havia três pessoas juntas — eu, meu filho e o Senhor.

Certo dia, ao anoitecer, estávamos aproximando-nos da nascente de um rio, no final do lago Starvation. Quando subimos à margem, a canoa bateu numa pedra e notamos um terrível monte de peles nas adjacências. Pensei que era um animal morto, até que ele se moveu, e Bob disse: “É um urso cinzento, e não está morto, mas apenas dormindo.” Quando ele falou isto, estávamos a apenas 30 metros do animal. De repente, ele se levantou. Pensei que ia fugir de nós, como a maior parte dos ursos costuma fazer, mas ele estava irritado. Os pêlos de seu pescoço se eriçaram e ele começou a balançar a cabeça para a frente e para trás. Suas mandíbulas principiaram a mover-se, e eu pude



ouvir os dentes batendo. O animal se colocou em posição agressiva, com as orelhas para trás. Peguei a máquina fotográfica, e Bob a arma, mas logo decidimos que não era sábio ficar muito perto dele, e retrocedemos com a canoa até águas mais profundas. Teríamos que dar algum jeito de passar pelo urso, pois estava bem no meio de nosso caminho.

Subimos a um pequeno monte situado a 60 metros e examinamos onde o animal se encontrava. Ele havia-se deitado novamente. Descemos na margem, levamos as canoas e deixamos as mochilas de alimentos para levar na segunda viagem. Quando fomos ver o urso de novo, ele já tinha ido embora. Ele não poderia ir na direção oposta à que viemos, pois havia um penhasco, nem poderia ter seguido para a direita, porque havia um lago. Sabíamos, portanto, que estava caminhando paralelamente conosco colina acima, ou estaria vindo em nossa direção. O animal sabia onde nos encontrávamos, mas nós desconhecíamos onde ele estava.

É comum os ursos seguirem a mesma trilha que o caçador e barrar-lhe o caminho, e sabendo disto, estávamos atemorizados. Sabíamos que ele viria correndo colina abaixo a qualquer momento. Bob disse: "Papai, por favor, vamos orar?" Depois de uma oração, e com grande cautela, começamos a subir a colina, eu com a canoa sobre a cabeça e Bob com a arma na mão.

Alcançamos a margem do rio e chegamos a 30 metros de onde se encontravam nossas mochilas, e lá estava ele, esperando por nós. Se ele havia provado o alimento que estava nelas, teríamos de matá-lo, para impedir que destruísse todos os suprimentos, e não queríamos fazer aquilo. Como um último e desesperado recurso, e com uma oração nos lábios, levantei a canoa e gritei com todas as forças de meus pulmões.

O urso voltou-se irado e viu um par de pernas, um corpo e uma cabeça de alumínio de 5 metros urrando ameaçadoramente para ele. O animal ficou com tanto medo, que começou a correr o mais rápido que podia. Levamos mais de quatro horas para nos livrar da terrível sensação que tivemos naquele íntimo encontro, mas eu e meu filho sabíamos que a oração que fizéramos nos tinha ajudado a superar aquele problema.

Quando chegamos ao Point Lake, ele estava coberto de gelo flutuante. Os pedaços de gelo e o vento forte esmagariam nossa pequena canoa como uma casca de ovo. Acampamos e pedi a Bob que fizesse a oração naquela noite. Ele demonstrou ter uma fé raramente encontrada, pois disse simplesmente: "Pai, faça o vento parar."

No dia seguinte, quando nos levantamos, reinava completa calmaria. O

lago estava tão calmo que parecia um espelho, mas tínhamos 32 quilômetros para cruzar. Tão logo entrássemos no lago, até mesmo a menor brisa faria com que fôssemos destruídos. Navegamos trinta e dois quilômetros em meio ao gelo. Duas vezes a canoa ficou presa no meio dele e tivemos que saltar e levantá-la para abrir caminho. Finalmente, após sete horas e meia de viagem, chegamos em águas abertas. Mal tínhamos saído do meio do gelo flutuante, e novamente o vento começou a soprar. Ele havia sido um companheiro constante de nossa viagem, a não ser nas últimas 7 horas e meia. Oramos novamente, desta vez para agradecer ao Senhor.

Foi naquela ocasião que Bob começou outra vez a falar a respeito de fazer missão. Nós não havíamos falado muito sobre ela. Então, certo dia, ele disse: "Bem, creio que quando voltarmos para casa, começarei a preparar-me para fazer missão." Daí em diante, falávamos cada vez mais sobre missão. Certa noite, a uma hora da manhã, depois de um dia extenuante, ele virou-se para meu lado em seu saco de dormir e disse: "Papai, fale-me a respeito da vida eterna." Conversamos por cerca de duas horas. Então, usando seu último esforço, ele falou: "É isso mesmo o que eu desejo", e adormeceu. Para mim, aquilo fez com que a viagem valesse a pena.

Tivemos também diversas outras experiências que nos ensinaram a apreciar a harmonia e esplendor da natureza e o poder de suas forças e criaturas.

Certo dia, depois que havíamos chegado ao rio Coppermine, estávamos atravessando um rio durante uma nevasca. Era no final de julho

e a neve estava caindo! A corredeira era violenta, e o vento estava soprando com tanta força, que dificilmente conseguíamos mover-nos em meio às águas. Bob disse: "Papai, olhe para a margem." Eu olhei e vi que estávamos parados. E quando parávamos de remar, o vento nos levava correnteza acima! Resolvemos, portanto, atracar, e depois de pularmos para a margem, juntamos um pouco de lenha e acendemos uma fogueira para aquecer as mãos.

Noutra ocasião, encalhamos num rochedo num turbulento conjunto de corredeiras, e parecia que íamos ficar ali para sempre. Mas, após haver-mos orado e feito uma rápida manobra com o barco, conseguimos libertar-nos.

Já que havíamos alcançado o rio Coppermine, decidimos recuperar o tempo que tínhamos perdido. Não nos importávamos em ir avante, pois, se parássemos, certamente ficaríamos congelados. Mesmo durante a noite, dormíamos com frio. O chão estava gelado e o vento era cortante. Tínhamos alguns recipientes com combustível suficiente para aquecer nossos alimentos, portanto continuamos remando para apressar nossa viagem. O pior dia que passamos no rio, viajamos 5 quilômetros. O dia em que progredimos mais, navegamos 80 quilômetros, atravessamos a cachoeira e atolamos nossa canoa no último conjunto de corredeiras, das oito que tínhamos cruzado naquele dia. O mapa mostrava oito conjuntos de corredeiras, e devido à pressa, decidimos atravessá-las sem antes fazer um estudo preliminar. Foi a coisa mais temerária que fizemos.

Recuperamos rapidamente o tempo que havíamos perdido, e ao terminar a viagem, chegamos a uma pequena

aldeia de esquimós, situada na desembocadura do rio, exatamente no dia previsto. Restava-nos ainda meia refeição. Nossa canoa estava tão danificada, que tivemos de abandoná-la (após notificar as autoridades canadenses). Tínhamos atravessado todas as corredeiras, com exceção de uma (não tenho certeza se deixamos de vencê-la, porque estávamos cansados demais ou porque tivemos medo), que percorremos por terra, por isto não fizemos questão de receber mérito algum. Porém, o melhor de tudo é que Bob estivera perdido e fora achado. Um dia depois que retornamos ao lar, ele foi falar com o bispo e manifestou o desejo de servir ao Senhor. Ele agora está servindo na Missão de Chicago, Illinois.

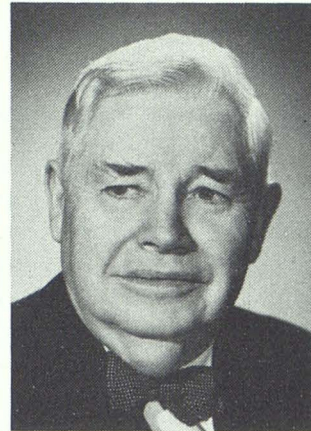
Para qualquer pai que está tentando ajudar seu filho a decidir-se a cumprir uma missão, eu diria que o mais importante é conhecer seu próprio filho. Nem todos necessitam fazer uma viagem através do rio Coppermine. Eles poderão encontrar o mesmo tipo de experiências edificantes no lar, trabalhando juntos numa garagem, jogando uma partida de tênis ou dando um passeio onde ambos possam estar sozinhos. Eu não teria ido ao rio Coppermine, se não tivesse sido inspirado a fazê-lo.

E vocês, jovens, que sabem que devem sair em missão, gostaria de fazê-los recordarem-se de que todas as pessoas encontrarão em sua vida desertos inóspitos, getsêmanis, bosques sagrados — lugares onde aprendemos a confiar plenamente no Senhor e a invocá-lo em oração. Não procurem tentar o Senhor, colocando-se numa situação perigosa, mas estejam preparados para seguir a inspiração do Espírito, e fazer tudo aquilo que ele lhes ordenar.

"ESTES NÃO SÃO HOMENS QUE POSSAM SER CONQUISTADOS"

Élder Vaughn J. Featherstone
do Primeiro Quorum dos Setenta

*Os homens
que escalam
as maiores
montanhas
na vida
são aqueles
que têm disciplina.*



Conta-se que Spinola e Richardet, embaixadores do rei da Espanha enviados a Haia no ano de 1608, para negociar um tratado, certa vez viram oito ou dez pessoas descerem de uma pequena embarcação e, sentando-se na grama, começaram a comer uma refeição constituída de pão, queijo e uma bebida.

"Quem são estes viajantes?" perguntaram os embaixadores a um homem que passava.

"Eles são nossos adorados mestres, os representantes de nosso país", respondeu ele.

Spinola então murmurou: "Estes não são homens que possam ser conquistados." (Extraído de *Happy Ho-*

mes and the Hearts That Make Them, de Samuel Smiles.)

Há algum tempo atrás, tive o privilégio de assistir a uma conferência de estaca em companhia do Presidente Spencer W. Kimball, que naquela época ainda não presidia a Igreja. O Élder Kimball trabalhou incansavelmente, realizando uma reunião após a outra, até tarde da noite de sábado. No domingo, ele teve uma reunião com os bispados e sumos conselheiros às oito horas da manhã. Esta, por sua vez, foi seguida pela sessão geral da conferência, de uma reunião com o quorum dos setenta, uma entrevista com o patriarca, a dedicação de uma capela e à noite um discurso proferido aos alunos do seminário. Depois disso,

ele foi às nove horas da noite até a casa do presidente da estaca, para esperar o avião que só sairia às onze horas. A bondosa esposa do presidente da estaca manifestou o desejo de nos preparar um jantar, mas o Élder Kimball declarou: “Por favor, tudo o de que preciso é de uma tigela de leite e de um pedaço de pão caseiro para molhar dentro dele.” Estes não são homens que possam ser conquistados.

A maioria dos homens de idêntica estatura espiritual e liderança se regalariam comendo faisões, caviar e outras iguarias dignas de um rei. Eles encheriam o estômago de champanha, licores e vinhos finos, e festejariam a ponto de se tornarem completamente embriagados e tolos. Mas aqueles que são mais velozes na corrida, que escalam as mais íngremes montanhas, que nadam através das mais turbulentas correntezas da vida, são os magros e fortes, os homens que têm disciplina e força de vontade. Estes não são homens que possam ser conquistados.

Lemos freqüentemetne a respeito de líderes políticos e executivos comerciais que fazem excessos durante toda a noite e que dormem até as dez horas da manhã, pessoas que logo perdem a vitalidade. A lei da colheita é absoluta. Aqueles que “mergulham nas profundezas do prazer emergem com mais areia do que pérolas”, disse um profeta moderno.

Conta-se a história do General Antígono (382-301 A.C. — general de Alexandre, o Grande), que se estava preparando para fazer com que seus homens atacassem o inimigo. Já tinham sido estabelecidos os planos, decidida a estratégia que seria usada,

e a hora determinada. Os homens do general estavam em desvantagem numérica. Foi dado o sinal para atacar, mas ninguém se moveu. Em verdade os soldados estavam prestes a bater em retirada. Antígono perguntou, então, qual era o problema. Os capitães responderam que havia tal diferença numérica entre seus soldados e o adversário, que eles não ousavam atacar. O general pensou por um momento e perguntou: “Então, quantos deles vocês deixarão para mim?” Este espírito atravessou as fileiras dos soldados, e eles atacaram e venceram a batalha.

Por quantos homens o Senhor acha que seus servos dignos são responsáveis? Quantos vocês deixariam para o Presidente Kimball? E para o Élder N. Eldon Tanner, para um Marion G. Romney ou um Ezra Taft Benson?

Estes não são homens que possam ser conquistados. Quando vocês fazem suas contribuições na vida, os homens alistarão os seus bens e fortuna ou falarão a respeito de seu caráter e integridade?

Por quantas pessoas vocês acham que Barbara Smith e Belle Spafford são responsáveis?

O declínio e queda do império romano foi atribuído à corrupção geral de seu povo e ao crescente amor que eles dedicavam ao prazer e indolência. Tanto é que, nos últimos tempos do império romano, o trabalho era considerado apropriado apenas aos escravos. Seus cidadãos não mais se orgulhavam das virtudes de seus ancestrais, e o império caiu, *porque ele não merecia viver*. O mesmo acontece às nações indolentes e faustosas

— que preferem perder um pouco de sangue num único combate que deixar cair uma gota de suor num trabalho honesto” (Robert Burton, 1577-1640 — clérigo e escritor inglês) — as quais devem enfrentar a morte inevitável e ser substituídas por nações mais enérgicas e operosas.

Se na declaração acima substituímos a palavra *nação* por *homens*, o princípio ainda continuará o mesmo. Não é fácil conquistar homens e mulheres dotados de princípios sadios.

O Presidente Nathan Eldon Tanner ainda não havia alcançado o ponto culminante de sua carreira como um dos grandes líderes do Canadá. Ele tinha diante de si oportunidades e bem-estar financeiro maiores do que podia imaginar. Mas, ao receber um chamado do profeta, deixou tudo de lado e foi servir ao Senhor.

O Presidente Marion G. Romney assistiu ao funeral de sua esposa no domingo, dia 12 de março de 1979, e na terça-feira esse grande homem participou de uma reunião no Templo de Logan, onde proferiu um discurso na cerimônia de dedicação. Estes não são homens que possam ser conquistados.

Ouçam o que disse um grande líder do passado, que se qualificou como alguém que não podia ser conquistado. Falando numa conferência geral em outubro de 1942, o Presidente J. Reuben Clark Jr., membro da Primeira Presidência, declarou o seguinte:

“Creio que posso dizer, sem medo de errar, que minha permanência ao

lado de vocês na qualidade de membro da Igreja depende de eu aceitar ou não as revelações e princípios que Deus tem proporcionado. Se não estou disposto a fazer isto, não tenho esse direito e privilégio. Qualquer pessoa que não aceita as revelações e princípios dados por Deus, encontra-se exatamente na mesma situação.”

Não é uma declaração realmente poderosa? Tenho plena certeza de que o Senhor levantou atualmente uma maravilhosa geração de jovens que não serão homens e mulheres que poderão ser conquistados. Que maravilhoso destino é o vosso! Que esplêndida época do mundo para se viver! Oro para que eu possa estar apto a viver o suficiente para ver muitos de vocês, milhares de pessoas, se elevarem à altura da geração de santos dos últimos dias, a quem todo o mundo exterior sinta o desejo de conhecer, pois eles saberão que vocês não são homens e mulheres que se pode combater e conquistar. Vocês terão a oportunidade de praticar ou verem ser realizados atos grandiosos, jamais vistos em toda a história da humanidade. Lembrem-se, meus jovens amigos, vocês devem ser magros e fortes, e estar aptos para a luta. Vocês devem colocar seu caráter, integridade e princípios de verdade a sua frente, como luzes orientadoras que iluminarão as trevas dos dias vindouros. Fiquei emocionado quando minha mente viu, em visão, a futura grandeza que espera aqueles que são puros e fiéis aos ensinamentos e exemplos de nosso Mestre.

Oro para que o Senhor abençoe cada jovem e jovem adulto desta Igreja.

SERVIÇOS FUNERÁRIOS EM HOMENAGEM AO ÉLDER WILLIAM H. BENNETT



Faleceu, em sua casa em Bountiful, Utah, no dia 23 de julho, o Élder William H. Bennett, membro emérito do Primeiro Quorum dos Setenta. Ele foi homenageado nos discursos fúnebres apresentados durante os serviços funerários, realizados no dia 28 de julho, na sede da Estaca Bountiful-Utah Central.

O Presidente Spencer W. Kimball presidiu a cerimônia fúnebre, na qual o Presidente Ezra Taft Benson, do Conselho dos Doze, e o Élder Sterling W. Sill, membro emérito do Primeiro Quorum dos Setenta, foram oradores.

Também presentes ao funeral estavam o Presidente Marion G. Romney, da Primeira Presidência, e outras Autoridades Gerais do Conselho dos Doze e do Primeiro Quorum dos Setenta, sendo que estes últimos foram os que levaram o caixão, e do Bispado Presidente.

Nascido em Taber, Alberta, Canadá, em 5 de novembro de 1910, Élder Bennett era filho de William Alvin e Mary Walker Bennett. Casou-se com Patrícia June Christensen no Templo de Logan, em 12 de abril de 1950. Deixou a esposa, um filho, cinco filhas e sete netos.

O Élder Bennett foi chamado em 1972 para presidir a Missão Flórida-Sul, dois anos depois de ter sido designado Assistente do Conselho dos Doze. Havia, anteriormente, servido como membro do comitê missionário do sacerdócio, de 1963 a 1967 e, nesse ano, fora nomeado membro do comitê de bem-estar do sacerdócio. Em menos de um ano, foi chamado como Representante Regional dos Doze, posição que ocupou até ser chamado para Assistente do Conselho dos Doze, no dia 6 de abril de 1970.

Tendo residido muito tempo em Logan, Utah, o Élder Bennett servira em posições do sacerdócio e auxiliares de ala e estaca, tendo servido como conselheiro na presidência de uma estaca durante mais de oito anos.

CAPA: Alguns dos santos de todas as partes do mundo que estão fortalecendo a Igreja, quando ela inicia mais uma etapa de sua existência: (1) Robert Maughan e família, de Peoria, Illinois. (2) Travis Uzelac (à esquerda) e Patrick Merrel, da Primária, em Sandy, Utah. (3) Uma jovem irmã do Texas. (4) Um batismo realizado na Missão de Monterrey — México. (5) O irmão Paul J. Paris e esposa, de Austin, Texas. (6) Freddy Graub e família, da Estaca de Zurich, Suíça. (7) Machico Inaba, ex-missionário, Ramo de Shizuoka, Japão. (8) Gladys Castillo, da presidência da Primária de Tarija, Bolívia. (9) Kinji Tonga, ex-missionário, Missão de Tonga-Núku'alofa. (10) Susan Anderson, Todd Glad e Jenee Uzelac (acompanhante) ensaiam uma música para a Mutual, em Sandy, Utah. (11) Libert Gidts e família, de Pellenberg, Bélgica. (12) Nicomedes Cahuana e família, de Independência, Arequipa, Peru. (13) Da esquerda para a direita, Ida Baird, presidente da Sociedade de Socorro do Distrito de Mildura, Missão de Adelaide, Austrália; Irmã Brown, o membro mais idoso do ramo de Mildura, e a Irmã McAlister, missionária. (14) Presidente Victor Bacatan, do Primeiro Ramo de Cagayan, Filipinas, e sua esposa, Irmã Paz. (15) Bispo Guillermo Riveros, da Ala Cinco da Estaca de Assunción, Paraguai. (16) Alejandra Lira, de Talcahuano, Chile.

Fotografias: por (1) Norman Ross, (2) Eric W. White, (3) Barry Hodson, (4) R. Hule, (5) Barry Hodson, (6) Arnaldo Lier, (7) Robert Thomas Stout, (8) Steven Sprinkel, (9) Gary W. Stoddard, (10) Marilyn L. Erd, (11) Bryce Jolley, (12) Gerry D. Prince, (13) Missão Adelaide, Austrália, (14) Todd C. Atkinson, (15) Pablino Nunez, (16) J. Warren Harding.

Prezado assinante:

Verifique na etiqueta de endereçamento a data do vencimento de sua assinatura.

Sugerimos que, um mês antes do vencimento, seja feita a renovação.

Basta enviar-nos um cheque no valor de Cr\$ 50,00, por ano de assinatura, a favor de Associação Brasileira da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Não é necessário visá-lo. O endereço é:

CAIXA POSTAL 26023 — 01000 — São Paulo — SP.

